



LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Da Etno(patia) ao Ethos na FANI.
Reflexão em torno do Dasein

Rui Alexandre Nunes Vicente

Orientador de Dissertação:

PROF^a DOUTORA Maria Emília da Silva Marques

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROF^a. DOUTORA Maria Emília da Silva Marques

**Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do
grau de:**

MESTRE EM PSICOLOGIA
Especialidade em Psicologia Clínica

2015

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Emília da Silva Marques, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para a obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Maria Emília Marques, pela forma como auxiliou na viragem para o trilho certo, porque nem sempre percebi que a força que tinha me levaria ao destino, mas sempre entendi que o faria mesmo nessa incerteza, por mais extenso que fosse.

Ao ISN.

“E se houver uma praça de gente madura

... ninguém vem levanta-lo do chão”

José Afonso

RESUMO

Qual a relação que o *self* opera entre a influência institucional e as defesas inconscientes que surgem na emergência de sofrimento psicológico, que na situação de vida atual ativa se desconectou e se prolonga na precariedade.

Caracterizar a vida mental de um doente renal crônico (drc) relativamente ao impacto que a doença e o tratamento têm no dia-à-dia, implica tardar-se na forma como se lida com ele e na complexidade do que comunicou, gerar uma visão holística e individualizante do sujeito.

Optou-se pela *Free Association and Narrative Interview Method* (FANI) e na relação epistemológica que mantém com o referencial de Bion e de Klein, proceder à recolha da entrevista, para posteriormente caracterizar o sujeito ontico de acordo com o Dasein e proceder-se à análise de conteúdo.

A revisão teórica demonstra convergência com o instrumento/metodologia, na demonstração das implicações latentes e manifestas, tornadas visíveis pelo estabelecimento de dois eixos de análise, sincrónico e diacrónico.

Palavras chave: FANI; Dasein; drc.

ABSTRACT

What is the relationship of the self that operates between institutional influence and unconscious defenses that arise in emergency psychological distress, for whom the situation of current active life disconnected and extends precariousness.

Characterize the mental life of chronic kidney disease patient (drc) regarding the impact the disease and treatment have on the day-to-day, implies tarry in the way it handles it and complexity than reported, generate a holistic and individualistic view of the subject.

We opted for the *Free Association and Narrative Interview Method* (FANI) and epistemological relationship it has with the benchmark of Bion and Klein, proceed the collection of interview, to further characterize the ontic subject according to Dasein and proceed to content analysis.

The literature review shows convergence with the tool / methodology in the statement of latent and manifest implications, made visible by the establishment of two axes of analysis, synchronic and diachronic.

Key-words: FANI; Dasein; drc.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
REVISÃO NARRATIVA	6
Das concepções teóricas sobre o funcionamento da mente	7
Klein 1937	7
Klein 1957	10
Bion 1962	13
Heidegger 1927	23
A co-constituição do Dasein	26
A consciência	26
A culpa	27
OBJETIVO	28
METODOLOGIA	29
Tipo de estudo	29
Instrumento/método	29
Procedimento de análise	40
Participante	40
DISCUSSÃO	41
CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS	44
ANEXOS	46
Anexo A (eixo diacrónico)	46
Anexo B (eixo sincrónico)	61

INTRODUÇÃO

A investigação através de sensores requer que as questões colocadas sejam abrangentes ao ponto de incluir de forma geral a área temática em que se insere e por outro lado incutir no respondente uma reação de natureza emocional através de um conjunto de respostas quantitativas onde se irá (des)apoiar o imaginário. A natureza acumulativa das questões, o deslocamento e descentração da experiência emocional e a codificação e agrupamento dos dados, não favorecem a expressão e conhecimento deste imaginário Hollway e Jefferson (2000). O Imaginário é construído e comunicado na subjetividade do outro segundo Bion (1962), em torno de um facto ou fatores que se revestem das dificuldades deste imaginário, e que implicam e expressa da parte deste sujeito a necessária realização, Bion (1962). Mas se o espaço para a expressão emocional se torna restrito através de questionários de resposta a escalas de tipo Likert, a generalização do conceito de expressão particular a uma dada temática em torno da técnica de entrevista, vista desta forma como único meio de obtenção de dados, torna quase irrelevantes as questões levantadas e gera ambiguidade na interpretação das respostas, Hollway e Jefferson (2000). É que as questões levantadas esgotam-se na relação de causalidade que é relativa ao acontecimento (i.e., saturam-se e não geram nada de novo). Nesta colagem entre a causa e o efeito o entrevistador pressupõe que as palavras têm significados implícitos, os quais são idênticos para o entrevistado, “the researchers, in taking this for granted, are still assuming that a shared meaning attaches to words: that the question asked will be the one that is understood” (p. 11). Nem sempre se torna perceptível que o discurso do entrevistado se refira ao acontecimento que gera a reação de natureza emocional, muitas vezes, a manifestação de um imaginário que colapsa face à descrição do acontecimento foi induzido por movimentos de tipo mediático, que por sua vez operam no encadeamento das múltiplas causalidades, e nada nos diz, a propósito da construção do discurso que, o que se manifesta, nos reenvia aos acontecimentos que se querem conhecer nem à sua simbólica e profundidade. Essa falha é percebida como ausência de racional e carência de apoio psico-educativo, os quais surgem como forma de ajustamento à realidade. A informação obtida através de questionários ou através de respostas que surgem de questões fechadas, tendo como alvo um *construto social do sujeito*, que se apoia em dados demográficos, discriminantes em termos de idades, sexo, raça, bem como área de residência, assumem valores apriorísticos. Uma visão realista das temáticas resulta em conclusões paradoxais, mas as visões cognitivista e de processamento de informação prevalecem e não é dado lugar à criação de sentido, isto é, ao juízo irracional ou racional das respostas, Hollway e

Jefferson (2000). Os dados fornecem características que são próprias de grupos de sujeitos onde os valores das variáveis são manipulados, mas mesmo quando é possível comparar as diferenças entre grupos percebe-se que existem tantas diferenças quanto semelhanças, Hollway e Jefferson (2000). Resulta assim um novo paradoxo a construção social do sujeito onde são colocadas em evidência as influência dos fatores externos para o desenvolvimento emocional do sujeito. O que se encontra dificultado dada a especificidade que surge em torno do individual e enquanto construção, como explicado em Marques (2001), tornando-se, pela via da acumulação de informação praticamente impossível catalogar a diversidade de experiências vivenciadas pelos entrevistados.

Once methods allow for individuals to express what they mean, theories not only have to address the status of these meanings for that person and their understanding by the researcher, but they must also take into account the uniqueness of individuals, (Hollway & Jefferson, 2000, p. 14).

A construção social do sujeito passaria por uma apreensão do mundo diretamente através dos sentidos e seria processada internamente. Mas é o discurso que faz a mediação entre a causa e o construto que levaria à formação do mundo interno, e desta forma, torna-se impossível o conhecimento, uma vez que o tratamento linguístico não é neutro. Segundo os autores a alteração das visões cognitivistas e de processamento de informação é a mudança de “mundo” para “mundo”; ou a viragem hermenêutica; ou viragem para a linguagem, Hollway e Jefferson (2000).

Não se trata somente de uma questão linguística e dos seus significados socio-culturais, a focagem no individual e a componente construtiva/destrutiva da dimensão social sobre o sujeito impõe que se considere este construto na relação entre o interno e o externo, entre o que é interno e o que é externo. Assim, o self situa-se entre as pressões externas e as defesas dos ego, ele destaca-se da realidade externa através do imaginário e sofre alterações perante os efeitos das defesas do ego que se encontrou sob perigo na emergência pulsional. E Freud (citado por Hollway & Jefferson, 2000), inclui defesas de tipo psicótico na *clivagem* do ego, este encontra-se ameaçado perante pulsões muito exigentes com a presença externa de proibição (i.e., de tipo paterno), e responde de duas formas quando se torna intolerável, na recusa da realidade, e no despojar da experiência emocional. A ideia é assumir que parte substancial daquilo que o sujeito transmite surge de defesas contra a ansiedade gerada por fatores externos, estes atuam inconscientemente e reatualizam a experiência de natureza

emocional, Hollway e Jefferson (2000).

Sobre isto, Green (2000) conta acerca da conflitualidade do objeto narcísico, isento por natureza, a não ser nas suas expressões mais arcaicas, nas quais a libido narcísica investe o objeto, surgindo como pouco diferenciado e, deste modo, o objeto presente não é reconhecido como tal, “O sujeito “vive” com ele – é verdade – mas, mais precisamente, ao lado dele” (p. 157), esta relação não é de amor, trata-se de uma relação de dependência, e a objetualização da libido, mesmo que auto-erótica torna-o mais vivo. Após sentimentos de hostilidade, isto é após libertado de tensões internas o sujeito encontra-se mais íntegro no seu sentimento de identidade, mas é sob uma película fina que se projeta, sendo a intimidade uma ameaça ao sentimento de existir e é característico o surgimento de ódio e de destruição. Acrescenta ainda que “a ameaça de intrusão, o medo de um abandono depois do sujeito ter manifestado a sua dependência ao objeto, o medo de se mostrar sem defesas . . . obrigam o sujeito a guardar a distância, isto é, a permanecer na sua fortaleza narcísica” (p. 159), o autor refere que no relacionamento terapêutico o processo não avança a menos que o fundamento do objeto narcísico tenha sido atingido, Green (2000).

No texto Hollway e Jefferson (2000) não fazem referência às particularidades do objeto interno nem à psicopatologia, mas o surgimento de abstrações cujo carácter formal denota fragilidade das barreiras psíquicas, nomeadamente no deslocamento e projeção da imago paterna, que remete para a transferência, e logo, para a reativação do imaginário do investigador. São postos em marcha modos de reparação do objeto, que ao serem digeridos e/ou comunicados através da narrativa, favorecem a integração e reparação/reformulação do objeto. Se através da entrevista não é possível determinar a causa primária do transtorno, é possível situar o sujeito de acordo com o modo de funcionamento e Hollway & Jefferson (2000) explicam a partir de Freud (1938) e Klein (1937; 1957) como é que a clivagem ao operar através da excisão de partes do ego, que são colocados fora mas que operam nas imediações do self, alteram as perceções de causalidade. Esta causalidade tem as suas implicações afetivas, as quais se envolvidas no narcisismo, perdem o valor simbólico de que depende o crescimento mental, na medida em que sem conexão, estes conteúdos mentais isolam-se e não servem para serem pensados. O aparelho mental opera movimentos que vão da projeção á introjeção, através da id. Projetiva. Este aspeto em particular é caracterizado por Bion (1962), relativamente á relação entre o interno e o externo; o aparelho mental estaria sujeito a um confronto conceptual em que o aspeto inato da personalidade surgiria pela ausência de saturação da pré-concepção, de que a inveja é o seu predecessor, a abstração surgiria mas na ausência de modelo explicativo, isto é, não observando regras de conduta e

princípio da realidade. Explica ainda Bion (1963) que retarda o desenvolvimento não se voltar para os elementos, o isolamento é visto como essencial na relação entre eu/outro, e na diferenciação do objeto comunicado, dos elementos da personalidade, “A personalidade isolada é em certo sentido nova a seu desempenho e tem de se dedicar a tarefas diversas . . . parte do preço é paga em sentimentos de insegurança“ (pp. 27).

No essencial existem dois modos de funcionamento que surgem da clivagem nas perspectivas kleinianas e dos pós-kleinianos: a primeira trata-se da posição esquizo-paranoide, nesta o ego imaturo na ausência do objeto do desejo liberta-se de fragmentos ligados à área de conflito uma vês que o objeto tantaliza e gera ansiedade, estas defesas são primitivas e permitem que o objeto bom se mantenha afastado do objeto mau. O ego apoia-se na pulsão de morte para se desligar destes fragmentos, e pela projeção gera um prototipo de objeto hostil temível que ganha características persecutórias, as quais reage através do ódio. Ao mesmo tempo surge a projeção do amor, que se mantém ligado ao objeto bom, Steiner (2005). Neste processo estão envolvidas defesas que permitem ao ego: primeiro, através da idealização diferenciar grupos ou pessoas, isto é possível porque o objeto se encontra clivado; em segundo os grupos assim diferenciados serão alvo da projeção do objeto mau, ou seja através da identificação projetiva e por outro lado mantidos afastados, (Hollway & Jefferson, 2000; Steiner, 2005). A fantasia onipotente gerada pela id. Projetiva (Bion, 1962), que surge do desejo de apropriação do objeto bom, leva a que o ego se fusione com o objeto, dando-lhe o suporte necessário para lidar com o sofrimento e para o transformar. Este relacionamento permite o surgimento do pensamento e a formação da cadeia simbólica, mas segundo Steiner (2005) resulta em ansiedade e em rigidez, refere ainda que:

The ego is poorly integrated over time so that there is no memory of a good object when it is absent. Indeed the loss of the good object is experienced as the replacement of an idealized situation by a persecutory one. Similarly in the spatial dimension self and objects are viewed as being made up of parts of the body such as the breast, face, or hands and are not yet integrated into a whole person, (Steiner, 2005, p. 46).

Numa determinada altura do desenvolvimento a *criança* percebe que o seio que lhe causa frustração e que o tantaliza, é o mesmo que o nutre e acalma (Hollway & Jefferson, 2000; Steiner, 2005), e a distinção entre bom e mau objeto torna-se difícil de suster. No entanto dadas as pressões dos instintos, o resultado é um estado de ambivalência relativamente ao seio. A componente cognitiva torna-se mais evidente e o ajustamento à realidade é suficiente.

A combinação de elementos bons e maus possibilita alguma integração. Ao considerar o objeto inteiro surgem sentimentos de culpa, sem as implicações geradas a partir do objeto fragmentado e esta capacitação em considerar o objeto na sua totalidade possibilita uma melhor representação do objeto e logo o início do luto normal, (Hollway & Jefferson, 2000; Steiner, 2005).

A forma como Klein (1937; 1957) distingue o funcionamento patológico e o funcionamento normal é ligeiramente diferente de Freud, que considera estádios de desenvolvimento Steiner (2005). Enquanto que os estados patológicos em Klein (1957) resultam da maior ou menor intensidade do investimento, sendo para isso demonstrado o maior ou menor dano do objeto consoante a intensidade da inveja. Para Bion (1962) o investimento encontra um lugar próprio, onde pode ser contido que depende do objeto que contém, a fragmentação patológica resulta de um excesso de maus objetos e subentende que há um defeito na função alfa. Distingue elementos beta, que surgem da clivagem normal, nomeadamente na comunicação; do objeto bizarro, que surge quando as ansiedades de caráter persecutório são muito intensas, põem em risco a sobrevivência e esta ansiedade leva a uma maior fragmentação, Steiner (2005), são experimentados “estados intensos de pânico com despersonalização e desrealização” (p. 49).

O sujeito psicológico como referência ao que emerge da expressão que é captada pela entrevista psicológica, terá a marca das alterações e submissão à convergência teórica e metodológica, que deverá assentar sobre o seu paradigma fundamental, a construção social do sujeito, compreendido como um movimento pós-estruturalista (Monk, Winslade, Crockett & Epston, 1997), em que é o sujeito que dá a conhecer o espaço social tal como o concebe, para na convergência das aceções teóricas entender o movimento que opera entre o interno e o externo captado a partir da subjetivação do que o sujeito comunicou e constrói, mas que “Dada a sua complexidade e os limites dos nossos modelos e instrumentos de captação *conhece-lo* em profundidade e em “verdade” é uma tarefa que se persegue mas que nunca se atinge”. (Marques, 2001, p. 129). Pretende-se então que a complexidade do sujeito sirva as transformações (Bion, 1964; Marques 2001), que ocorrem na entrevista, nomeadamente na Free Association and Narrative Interview Method (FANI), de Hollway e Jefferson (2000), como um processo movente que opera na oscilação entre a posição depressiva e posição esquizoparanoide, Bion (1962). Entender que existe uma oscilação entre os dois extremos do funcionamento mental, pressupõe que esta oscilação ocorra no tempo, ela é simultânea em termos de dispersão a ocorrer num dado momento em que as pressões internas levam ao abandono de si para os outros, enquanto ser é ser-se em relação que ocorre num movimento

continuo entre a integração e a dispersão, (Heidegger,1927; Bion 1962) e abandonar, pelo menos parcialmente, uma visão exclusiva da dinâmica interna do funcionamento mental, principalmente a que se encontra ligada à psicopatologia, Marques (2001).

As implicações da doença somática crónica no relacionamento com o espaço social vista na reorganização que vai da objetividade do sujeito à subjetivação pela análise de conteúdo, que surge através da forma como o sujeito narra a sua história e pela qual surge a publicação do *self*, torna visível o relacionamento institucional, através de movimentos no retorno a si, na irreduzibilidade da falha somática que é a falha nos outros e de si, de si nos outros, nos outros de si, em que a doença somática crónica vem operar a extração de si pelos outros. Nesta ausência de si questiona-se a vida mental de um sujeito renal crónico que espera por um transplante renal, mas que se submete ao tratamento por hemodiálise, como única forma de se manter vivo. Trata-se então de utilizar os procedimentos da FANI, que manifesta sensibilidade no trato com sujeitos de etnia diferente, para identificar e transformar através da narrativa, os desvios que são relativos à falha no suporte institucional e nas implicações que se geram da precariedade que resulta dessa falha. Por outro lado, porque a FANI assenta na teoria Kleiniana, entender os modos de reparação que surgem no retorno a si e que dão conta de modos específicos de lidar com o sofrimento numa perspetiva relacional, em que surge a oscilação entre o núcleo (eg., a família) e os outros. O entendimento desta passagem/oscilação da qual também participa a perspetiva de Bion (1962) é facilitada se for organizada a partir do referencial supra-citado (Hollway & Jefferson, 2000) e através do Dasein de Heidegger (1927). Esta incidência de contributos teóricos para a análise à posteriori da entrevista, prossegue pela análise de conteúdo, que é feita de acordo com a perspetiva de Bardin (1977).

REVISÃO NARRATIVA

A visão holística de Hollway e Jefferson (2000), assenta na epistemologia e culmina nos trabalhos de Klein (1937, 1957) e Bion (1962). No entanto no processo de entrevista e de análise são incluídos como fundamentos do instrumento de pesquisa conceitos que derivam da Gestalt. O conceito de identificação projetiva incide sobre modalidades de funcionamento do sujeito na inter-subjetividade, operando da relação continente conteúdo, que vai estabelecer uma Gestal na passagem à posição depressiva, que é segundo Hollway e Jefferson (2000), um modo holístico de funcionamento. De forma idêntica, concidera-se o Dasein de Heidegger (1927), no movimento faccioso em direção ao One, no qual encontra a sua morte, mas também a sua especificidade nas possibilidades *do meu Dasein*.

Deste modo, pretende-se dâr visibilidade ao trabalho de Hollway e Jefferson (2000), num retorno aos *fundadores*, através de uma análise que não esgota o tema, mas que tem a particularidade de se reencontrar pela subjetividade na fundamentação teórica da FANI, da qual não carecendo de justificação, a complexidade das teorias que a envolvem requerem um retornar aos fascínios da psicanálise, nesta revisão narrativa.

Das conceções teóricas sobre o funcionamento da mente

Klein 1937

No início da lactancia a mãe provem ao bebé o suporte necessário em termos de nutrição o que fortalece o relacionamento com um sentimento de segurança, constituindo também as primeiras experiências sexuais, estas de índole oral. Quando frustrado, disfer ataques ao seio e como consequência o bebé sente emoções violentas. A acalmia destas emoções promove gratificação e é assegurada a autopreservação, formando um padrão com o qual se busca novos relacionamentos, com base na figura protetora, amistosa e gratificante da mãe, Klein (1937).

O seio ausente ativa o imaginário e o lactante lida agora com a suas primeiras sensações de amor e ódio que se vão encontrar também com as realizações reais, sendo que o desejo de destruição encontra novas realizações e desta forma o lactante deseja destruir o peito, a mãe e outros sentimentos. O que se torna difícil nesta altura do desenvolvimento é tornar imaginário o que se tornou real dada a incapacidade de distinguir o que pertence à realidade, ou seja à proto-realidade. Uma força é exercida no movimento contrario, que contradiz a dispersão, e

que tende para a unificação do objeto de amor, que em suma, terá larga importância na vida afetiva dos adultos. Quando esta unificação se encontra muito dificultada, sentimentos de inadequação são experimentados na adultícia, sendo função de quem acompanha estas pessoas do reassseguramento indispensável para evitar agressividade com o objeto de amor. A incapacidade que sentem para amar e que os inferioriza deve-se à culpa que se originou nos primeiros meses de vida, Klein (1937).

Resulta do relacionamento precoce, uma transferência da sensualidade sentida no seio por sucção e do envolvimento para a zona erógena fálica, donde influi o desejo sexual da criança que se fixa no gênero oposto, o pai ou a mãe, com o qual deseja ter filhos. A intoxicação do seio materno, mantendo-se inconsciente não permite uma total aderência da pulsão sexual, o que faz com que emerja o desejo homossexual. A defusão pulsional encontra de forma idêntica uma via de se conectar com os irmãos e irmãs, que se tornaram rivais pelo amor dos pais, mas também de se relacionar de forma amorosa, protetora da relação com os pais, Klein (1937). A pulsão homossexual terá uma importância fundamental para os relacionamentos futuros. Nas dinâmicas relacionais adultas, a intoxicação do seio materno mantém as ligações de natureza homossexual ativas, sendo a atividade mental voltada para a distinção entre desejo sexual e afetividade, Klein (1937)

O objeto amado, que evoluiu da gratificação do seio sobrevive na mente e é considerado na sua totalidade porque o ódio que surge pela ausência de satisfação numa fase precoce e que se tornou inconsciente também operou na restauração do objeto, pela culpa que gerou e que se tornou parte integrante da capacidade para amar. Esta função de restauração do objeto, que depende da culpa, torna-se essencial, porque surge inerente à forma como se considera alguém, tornando facilitado o gozo da felicidade pela manifestação de si, sem a dificuldade do sofrimento que resulta da conciliação das partes e da relação, danificada nas fantasias, Klein (1937).

O desimpedimento da capacidade para amar que surge da restauração no relacionamento com os pais opera na identificação com o objeto de amor o que induz modos de reparação do objeto, na relação, através da alternância de papéis com outros significativos, nos quais se atua de forma paternal/maternal protetora e securizante. O retorno à relação primária torna-se facilitada pela possibilidade de, na relação com outros relativos reativar a função reparadora, a culpa gerada no relacionamento precoce e nos agravios atuais abrandada, através das fantasias relacionais com o pai e a mãe, Klein (1937).

No relacionamento adulto, a mulher consegue um relacionamento matrimonial satisfatório por via materna e partilha no modo de ser e no envolvimento sexual, fato que nunca pôde ser

concretizado antes pelo marido, “é como se agora tivesse a sua mãe para si, com sentimentos de culpa relativamente escassos”, (p. 7). Na transferência de investimentos que são sentidos de forma apaziguadora dos sentimentos dilacerantes do início da infância, a mãe real e o falo paterno, ativam o imaginário infantil perturbando o acesso á relação maternal, o que provoca investimentos intensos onde a criança no seu desenvolvimento *polimorfo*, sexual e homossexual terá fantasiado a destruição do falo paterno. A identificação com um dos pais leva á tentativa de restauro dos próprios órgãos sexuais e do conjugo, aspeto que se torna muito importante na atividade sexual futura, Klein (1937).

Apesar do nascimento de um filho ter mais importância para as mulheres, através da atitude de pai generoso, um homem pode sentir alívio da carga emocional gerada dos relacionamentos precoces, para além de uma reativação do jogo identificatório, em que surge o pai bom e a identificação com os filhos promove a identidade paterna, que passa a modelo de crescimento. Muito do que se dirá sobre o desenvolvimento materno é semelhante para o pai, que tem um papel complementar, para além disso reata a satisfação precoce da sua mulher pelo seu pai no desimpedimento da carga *persecutória* tornando mais fácil o relacionamento com os filhos, Klein (1937).

No desenvolvimento precoce a devoção materna permitiu a preservação da vida do lactante através da satisfação de todas as suas necessidades de onde surgiu toda a gratificação e posteriormente o jogo identitário que se apoia no que se tornou apto ao crescimento e transformação, mas este laço de bondade expande para além da capacidade mental da mãe, que se apoia nos filhos e no conjugo, de onde deriva a crença de que se a morte da mãe ocorrer também surgirá a morte do filho, havendo esta passagem de angustia a nível inconsciente, Klein (1937). Na vida adulta masculina a supressão do amor surge como defesa contra a dependência, em que o objeto de dependência tiraniza a vida mental, surgindo o eixo organizador do qual passou a depender na sua vida. Este nível de dependência parasitária, faz surgir a voracidade dada a correspondente relação vital, Klein (1937).

A reativação na idade escolar infantil e na adolescência dos conflitos precoces permite novas formas de modulação pulsional, em que se mantém a capacidade para sustentar as ansiedades do início da vida e da resultante *autonomização pela morte*, (c.f., Desein Heidegueriano) no jogo das identificações e dos investimentos com os adultos, ao que os reinvestimentos dão lugar à manifestação da pulsão homossexual de índole inconsciente pela qual as amizades se tecem, favorecendo num grau mais elevado, o alívio da angustia e o favorecimento e libertação da pulsão homossexual e heterossexual futura, Klein (1937). Durante a adolescência a identificação com os adultos favorece a idealização de alguns

adultos, os quais cultivam como heróis e com os quais se relacionam. Da distancia geográfica ou cultural e outras, portanto física e/ou psicológica, surge o desinvestimento de outros adultos, os quais passam a odiar pela incapacidade de transpor essas barreiras, que serão guardiãs do imaginário pelo aparecimento de personagens mitológicas e fantásticas com características vilãs, Klein (1937).

A progressiva autonomização no sexo masculino pressupõe a sublimação da pulsão homossexual, donde a estabilização das dinâmicas inconscientes deverá fazer emergir, na relação, o intrincamento desses investimentos sob o domínio da afetividade, donde se pressupõe igualmente algum desimpedimento dos aspetos homossexuais latentes (i.e., aspetos infantis que ao terem sido frustrados encontram, no atual, uma via de manifestação, na qual o adulto passa a contextualizar) e complementaridade pelo relacionamento heterossexual, em tudo o que se tornou facilitador da progressiva autonomização de uma mulher relativamente aos seus pais e das identificações feitas ao longo da vida, as quais também sujeitas a revalidação pela atualização de desejos precoces. As primeiras identificações foram as mais importantes, as relações posteriores são possível porque sobra, dos investimentos precoces, amor que vai sofrer um desvio para outros relacionamentos, irmãos e irmãs, outros relativos e amigos, pelo sofrimento e implicações que surgem do relacionamento precoce, Klein (1937).

Klein 1957

O entendimento do desenvolvimento dos primeiros meses de vida, no período que se estende até à dissolução do complexo de Édipo por diante, que segundo Klein (1957) pressupõe um trabalho de desconstrução e reconstrução, contém em si linhas de orientação que são aquelas que o analisando deixa perceber, em que “ambos exercem o direito indisputável de construir algo por meio da complementaridade e da combinação dos resíduos conservados”(p. 2), pressupondo então que o contacto suscita angustias, expondo facilmente fatos mentais que são erros de interpretação (i.e., não encontram lugar no padrão de relacionamento que surge pela transferência, onde ocorrem oscilações entre o momento atual na adultícia e na infância, de acordo com a situação transferencial predominante), Klein (1957). A maturação depende dos processos identificatórios na adolescência e na adultícia, onde o adulto é tornado apto a ser no mundo, possível pela capacidade materna de ser e se tornar, através da gratificação, uma imago segura. Esta função que se expressa da/pela capacidade de obter e conter bons objetos opera na gravidez a *idealização* do bebé. O nascimento compreende ansiedades persecutórias, que juntamente com o sentimento de

segurança vão originar o relacionamento com o bom e o mau seio, onde o bom seio deverá ser internalizado, Klein (1957). A reparação do objeto é feita a partir de outros significantes, onde a identificação com as imagos requer nova abordagem, Klein (1937). As ansiedades surgem na constituição da autonomia e impulsionam na verificação constante da integração materna, no processo “a luta entre os instintos de vida e de morte . . . são fatores essenciais na relação inicial do menino com a sua mãe”(p. 5).

A pulsão agressiva na sua relação com o seio materno é orientada para o exterior, é portanto *constitucional*, Klein (1957). Da capacidade para introjetar o seio bom e das suas qualidades psíquicas, surge a felicidade, o que pressupõe o reencontro com as qualidades maternas e o processo de interiorização das qualidades dos objetos. No desencontro do diálogo, que surge da incapacidade de desenvolvimento pela repressão exitosa (c.f., i.e., a tradução de um acontecimento não se dá pela carga de natureza sexual, que tem na sua origem evidente censura moral, Green, 2000; ou pelo confronto com a realidade onde não existe capacidade emocional e logo a expressão de -K, Bion, 1962), o confronto real ou eminente com o rival passou a ser exclusivamente emocional e o objetivo é destruir o impedimento que leva à separação do objeto de amor. A origem da gratificação e da felicidade é oral e a frustração dá lugar á inveja, cujo propósito é o de danificar o objeto de amor destruindo as suas qualidades transformadoras e apropriar-se das suas qualidades. A voracidade ocorre através do esvaziar de forma exaustiva as qualidades do objeto. Os ciúmes denotam cariz depressivo pelo medo da perda do objeto. A destruição do rival surge pela defesa da relação proveitosa que lhe pertence. Klein (1957) sugere que a inveja está conectada com a projeção e a voracidade se encontra ligada à introjeção.

A noção de estagio de desenvolvimento, não alcança na Free Association and Narrative Method, a mesma visão freudiana, Klein (1957) entende que as funções relacionais do bebé surgem do eu rudimentar, onde as qualidades dos investimentos contra o mau seio ou na função de interiorização do seio bom e portanto na dissociação. A este nível o eu cindido reage às adversidades de forma paranóide e usa mecanismos de defesa esquizóides. O objeto bom interiorizado é protegido através da clivagem, “A minha hipótese assinala portanto que a capacidade para amar dá ímpeto tanto às tendências de integração como à exitosa dissociação primária entre o objeto amado e o odiado”(p. 17). A excessiva inveja, ao dilacerar o objeto reforça os mecanismos esquizóides e paranóides e é responsável pela acentuação da esquizofrenia.

O objeto idealizado é sempre persecutório, ele contém a incompletude da posição depressiva, que surge dos momentos iniciais de interiorização do bom objeto e contribui para

o eu debilitado, onde a *id. projetiva* opera na ausência de tolerância resultando num fuscionamento com o objeto invejado. Os meninos e as meninas que têm capacidade para amar não idealizam o objeto, sendo menos provável o confronto com as representações vilãs da adolescência e os efeitos sublimatórios da pulsão sexual é mais pronunciada, como explicado por Klein (1937). Aqui o eu expressa-se pela integração dos aspetos persecutórios e para isso a interiorização do bom objeto foi completa, e contribui para que estes fragmentos de índole persecutória não venham perturbar a fonte de obtenção de gratificação, “Mas são a intensidade e a duração de tais estados de duvida, desalento e perseguição o que determina a capacidade do eu para se reintegrar e estabelecer os seus objetos bons com segurança”(p.19). Bion (1963) reformulou da seguinte forma: “EP – D – EP (2º ciclo) – D (2º ciclo) – EP (ciclo n-1)”(p.13). Onde n-1 corresponde ao conjunto de realizações, menos o aspeto inato da personalidade Ψ , Bion (1962), que é na expectativa de seio, o ambiente emocional do bebé quando ainda não sentiu a ausência, em Klein (1937).

Existe nas teorias Kleiniana o principio de que a posição depressiva coincide com o início do complexo de Édipo, donde um ciclo que se fecha e mantém acesos os desenvolvimentos teóricos que perseguem uma maior integração do postulado. Como descrito para a culpa, que seria constituinte da posição depressiva, mas pela sua prematura elaboração (i.e., excesso de maus objetos, que resulta no afastamento mental da mãe), resulta na culpa persecutória, donde surge uma outra ideia que se mantém estável e é o dano causado da precocidade com que se inaugura as funções que arrastam esse conhecimento do mundo.

As angustias depressivas e esquizo-paranóides são indistinguíveis quando a culpa é tornada persecutória pelo excesso de inveja, estas angustias não podem ser elaboradas porque se confundem uma com a outra. A capacidade reparadora depende da força e integração do eu que surgirá em fase posterior do desenvolvimento. O fracasso na elaboração da posição depressiva favorece a projeção e a negação onipotente, Klein (1957). De acordo com o que foi desenvolvido por Klein (1937), quando os ataques ao falo paterno são muito intensos as capacidades reparadoras podem não iniciar os processos identitários e isto tem origem nas primeiras frustrações do bebé, quando a insatisfação oral precipitou a primazia do prazer genital, que passam a conter essa oralidade, Klein (1957). Daqui surge o “esfumamento” dos “limites” e a confusão entre o que é oral, anal e genital; entre a libido e a agressividade, desfavorecendo a sublimação e tornando-se primárias em todas as atividades de índole intelectual e emocional, bem como na *ambivalência*, caso nenhuma destas formas tenha sido experimentada a reparação encontra na mania infantil a sua saída, Klein (1957). A fragmentação e a confusão entre funções maternas e as *zonas* de primazia do prazer fazem

surgir a noção de falo paterno interiorizado, que tempera a constituição do Édipo, positivo ou negativo, por ciúme e encontra-se a apoiar a agressividade contra o rival, que é portanto, tratado como um intruso hostil, Klein (1957).

A progressiva integração do ódio e do amor favorece a posição depressiva, a criança nesta altura acha-se na tristeza que é relativa à unicidade no falhanço da onipotência e inicia o luto, que é ligado a sentimentos de culpa. O desligamento da imagem materna leva à viragem para o mundo, a ligação a outros relativos também depende do tratamento dos fragmentos persecutórios para uma visão holística, se bem integrados, o amor que surgiu em abundância pode ser ligado e aqui o ciúme relança os relacionamentos de amor. Todavia se a inveja se torna desorganizadora, os ciúmes não compreendem em si a mãe boa e a confusão primordial entre os pais mantêm-se, o pai acha-se contido na mãe, ou mais precisamente o falo paterno encontra-se contido no seio e/ou no corpo da mãe, ou por outro lado o pai contém no seu interior a mãe, Klein (1957). A atividade alucinatória gera a manutenção da fantasia do casal obtendo gratificação sexual, o *casal parental combinado*, que se mantém de forma inalterada, no que deriva muita confusão na reorganização pelo Édipo, Klein (1957).

“A ambição é outro fator sumamente eficaz para por em movimento a inveja. Dita ambição se relaciona em primeiro lugar com a rivalidade e competência na situação edípica. Mas se é excessiva, mostra claramente que se originou na inveja do objeto primário. O fracasso para colmatar a própria ambição é frequentemente despertada pelo conflito entre a reparação do objeto danificado pela inveja destrutiva e uma renovada reparação da inveja.” (Klein, 1957, p. 25).

Na mulher quando a ausência de gratificação na lactância foi muito intensa, a inveja do falo manifesta-se através da inveja do seio, uma vez que a mãe contém o pai, a falha na reparação do dano ao falo paterno determina a rivalidade edípica. A atividade relacional passa a sexual, pela substituição da ausência de gratificação no triunfo sobre a mãe ou rival, em que o prazer e/ou o triunfo domina no relacionamento com o parceiro, que surge como uma vitória, Klein (1957). Quando a inveja foi menos intensa, o relacionamento homossexual com outras mulheres caracteriza-se pela procura do objeto gratificante isto é, o afastamento materno passa a operar o desejo inconsciente, mas os relacionamentos com outras mulheres não são de carácter maternal, a *idealização* paterna fixa a libido no sexo oposto, Klein (1957):

“O facto de que estas pessoas -e isto aplica-se tanto aos homens quanto às mulheres-

poderem ter boas relações de objeto é frequentemente enganoso. A inveja subjacente perante o objeto primário está dissociado mas permanece ativo e propenso a perturbar qualquer relação.” (p. 26).

A autora sugere que a ausência de gratificação oral completa da lactância, gera no desenvolvimento adulto feminino a diminuição do apetite sexual, com dificuldade de obtenção de orgasmo completo, Klein (1957). Refere ainda que no homem a inveja do peito leva a uma transferência da zona de primazia de prazer alvo, que arrasta a contaminação da frustração oral primária, agressiva, que se torna genital, *tornando-se totalitária do corpo feminino* e resulta na “deterioração da potencia genital, a promiscuidade e a homossexualidade.” (p. 27). A compensação surge das capacidades geradoras e criativas do coito e da mulher para gerar filhos, nos quais se projeta e repara, atenuando a inveja sentida pela capacidade geradora das mulheres, Klein (1957). A capacidade criadora é a origem de toda a bondade e portanto também a mais invejada, Klein (1957).

Bion 1962

Na mesma forma que Klein (1937; 1957) conceptualizou a inveja e a importância para o desenvolvimento da personalidade, Bion (1962) quer conhecer a intensidade que o *fator* tem para o entendimento da experiência emocional, numa *função* geradora de significados que se mantêm ligados à inveja e se manifesta com outros sujeitos, sendo que a expressão dessa inveja depende de quem a manifestou, e/ou da maneira de ser; função de onde se extrai o fator ou fatores que se relacionam, para o efeito a inveja na transferência, são fatores integrantes da função que se extrai a partir da observação e que pertencem a sistemas mais complexos, nos quais é necessário ligar o particular ao situacional. A determinação de uma função para a personalidade permite ligar a observação à teoria. Uma função teórica em particular, a função α é desenvolvida por Bion (1962), para não se alterar o que se quer conhecer (i.e., o efeito da inveja na personalidade), para evitar extrair significados a partir de outras funções, e desta forma aumentar a precisão das teorias vigentes.

Numa visão mais lata da experiência as necessidades do sujeito são satisfeitas na base do prazer/sofrimento e da forma com que entende e se volta para a realidade sensorial, na qual surge o conflito entre a tolerância à frustração e a sua evasão. O entendimento da realidade tem sede própria, ela não depende da consciência, a atenção vira-se para a realidade de forma a confirmar dados anteriores e a sua atividade opera nas imediações do acontecimento (i.e., o sistema capta as impressões sensoriais a meio caminho do investimento). A ativação da

atenção seria provocada por essas impressões sensoriais no que surgiria a notação dos resultados da atenção e a memória. Na construção da realidade do sujeito opera a clivagem e a id. Projetiva, os ciclos da posição esquizo-paranoide e posição depressiva, a formação de símbolos e o pensamento verbal.

A função α opera nos dados com origem interna e externa, qualquer que seja, e torna apta a experiência de natureza emocional na formação de elementos alfa, para a produção do sonho ou de pensamentos do sonho. Se a função α não opera formam-se elementos β , que não são usados nos pensamentos do sonho, mas usados para serem evacuados pela id. projetiva e promovem o acting out. Ao não integrarem o pensamento os elementos β servem para manipular na ausência de palavras e ideias, no que a complexidade situacional seria demasiado frustrante. Os elementos β podem ser inscritos na memória e servem para atividades de tipo evacuatório. Pelo contrario, a função α torna inconscientes os elementos α que surgem da experiência emocional e possibilitam o pensamento inconsciente acordado, tornando possível a realização de tarefas autónomas, o aprender com a experiência e o pensamento consciente. Desvitalização ocorre se a função α é perturbada por ataques gerados pelo ódio e a inveja, ao que o contacto com a vida e o animismo ficam reduzidos ao mundo dos objetos.

Na visão de Bion (1962), o terceiro elemento surge como reforço do amor entre a mãe e o seu filho. O amor é inseparável da inveja e a inevitabilidade da violência reforça os sentimentos de culpa e depressão, de onde surge a separação entre a satisfação pelos confortos materiais e psíquicos. Cria-se uma expectativa da violência associada ao ódio e à inveja que interfere com a capacidade de formar elementos α , a destruição dos sentimentos e da própria vida, “this makes breast and infant appear inanimate with consequent guiltiness, fear of suicide and fear of murder, past, present and impeding.” (p. 11), o que leva a uma procura exagerada e infundada de confortos materiais, porque se tornam bizarros, e sem demonstração de gratitude pelo que alcançou e no respeito pela verdade. A falta de entendimento do que se interpreta só gera compreensão porque no geral a forma como entende o que se diz não encontra alcance. Difere da personalidade normal porque a mente opera através da id. projetiva, quando deveria se encontrar sob predomínio do principio da realidade.

No empenho em situações alheias às ciências sociais, a desvitalização ocorre dado o envolvimento com o mundo dos objetos físicos, e algum grau de evacuação deverá surgir. A função α gera elementos α , aptos a se tornarem inconscientes ou conscientes, pelo que constroem a barreira de contacto descrita por Freud (cit. Por Bion, 1962), da qual o sonho e o pensamento acordado são ordenados. O que se traduz da passagem dos elementos α , da

consciência para o inconsciente, e o seu oposto, do qual o material do sonho se torna apto a ser comunicado, como na *produção da narrativa*, na cadeia associativa e no que se evoca, para além de tornar diferenciado o que se tornou inconsciente do que se torna consciente. A despersonalização é evitada pela forma como a barreira de contacto possibilita a coerência do que transita do sistema consciente/inconsciente. A barreira de contacto ordena os elementos α na sua produção através do sonho, ou da narrativa, ou ainda no dialogo, tornando os dados ordenados sequencialmente “como na narrativa” (p. 17), logicamente ou geometricamente, Bion (1962).

A forma como os elementos são armazenados altera a memória, a utilização das teorias descritas para a interpretação opera alterações na produção de significados e da cadeia associativa, ao que o funcionamento mental se aproxima da realização a que corresponde. A orientação científica dos procedimentos de extração da narrativa contém em si algum grau de desvio, torna-se adjuvante a “evidencia da existência da realização que corresponde a abstração da construção teórica” (Bion, 1962, p. 18), a justificação da alteração à teoria, não se encontra no âmbito do texto, (cf., Hollway & Jefferson, 2000).

A partir da experiência clínica, Bion (1962) entende que a falha na produção de elementos α torna as representações inconsciente indistintas das representações conscientes. Entende que o analista, tem a função de depositário da parte não-psicotizada da personalidade do analisando, bem como se dá conta de experiências emocionais que se assemelham à comunicação intra-uterina, ou na inaptitude da ideia (e.g., definição de ideia nos elementos da psicanálise, Bion, 1963) se conectar à experiência emocional, ou que a interpretação da id. projetiva ou da transferência surtiria efeito limitado, para concluir que exposto ao defeito da função α , o analisando “sonhava os eventos imediatos na análise” (p. 21) e ocorria transformação dos elementos sensoriais em elementos α .

A experiência clínica da tela β , dá conta da dispersão dos elementos β , que apesar de coexistirem na formação da barreira de contacto, não apresenta indicação da realização de encontrar a experiência emocional, na maneira como a expansão de sentimentos gera frases e imagens desconexas, ou como se estivesse a sonhar, o paciente simula o sonho, alucina ou alucina o sonho. A formação da tela β , impossibilita a passagem à posição depressiva, (i.e., relativo ao que acima foi descrito, para o terceiro elemento da situação edípica precoce), o super-ego surgiria ameaçador para a vida mental do sujeito. Bion (1962) sugere que os elementos β formados para manter a barreira de contacto estariam organizados para destruir a potencia analítica do psicanalista ou para manter a conservação dos factos mentais tal como se encontram organizados. Mas a complexidade e a adição de elementos dá consistência à

barreira de contacto, o que trai o ímpeto de alterar a função interpretativa do analista. Por outro lado a tela beta tem a função de gerar emoções no psicanalista e alterar a forma como interpreta por forma a manter a envolvente emocional, no que a barreira de contacto altera-se num “processo vivo” (p. 24) para dar lugar à tela β , que seria a função invertida da anterior, mas com o propósito de a destruir, ou seja, a tela β não opera a transformação das impressões sensoriais em elementos α . A formação da tela β altera a estrutura do ego, no que resulta o objeto bizarro, formado por elementos β , traços do ego e do super-ego.

A génese do pensamento deu-se quando foi possível adiar a descarga por intermédio da musculatura, que exigia uma conservação mínima da catexia do objeto. O pensamento só se tornou possível quando houve um atraso no fluxo de energia móvel, o que levou a uma maior descarga, donde a palavra que se conectou à experiência emocional foi tornada consciente. As qualidades inerentes à ideação facultam um aumento da capacidade do sistema para adiar a descarga, que é acompanhada por formas de ação juntamente com pequenas descargas. Bion (1962) refere que só as alterações secundárias da personalidade fariam sentido. Torna-se crítica a discriminação dos procedimentos orientados para a evasão da frustração, ou por outro lado no aumento da tolerância à frustração e a sua modificação. Coexistem na personalidade “sentimentos de frustração, intolerância a sentimentos de frustração, emoções relacionadas e a decisão que emerge de tal concatenação de elementos” (p. 30).

Partes da personalidade podem ser expulsas por forma a diminuir a tensão interna, através de fantasias onnipotentes, que se tornam o veículo para alterar o ambiente emocional do analista, o que pressupõe algum ajustamento à realidade dado que a “consciência é vista legitimamente como o órgão-sensorial para as qualidades psíquicas” (p. 35), para se tornar virtualizante das necessidades do analisando. Dois aspetos de relevo a ter em consideração, por um lado a id. projetiva terá que se ligar à obtenção de prazer, por outro a necessidade de evacuação é precedida pelo mau seio, donde da expectativa de seio bom. A ausência de intolerância à frustração leva a um excesso de id. projetiva, (i.e., excesso de implicações associativas) e falha na alteração ao ambiente emocional quando no ajustamento há uma descolagem da realidade. No caso em que na aproximação do bom seio, (e.g., o seio psicanalítico) há capacidade para tolerar a frustração, (e.g., de o possuir) altera os sentimentos do analista através da id. projetiva na evacuação do mau seio. O processo também ocorre no seu reverso onde há introjeção das qualidades do psicanalista. Este de facto é o seio psicossomático, que o analista investiga através da reverie, (i.e., função dependente da função α e da produção de elementos α) uma vês que não existe objeto material capaz de suprimir a carência emocional, (e.g., o amor, ou a capacidade para amar). Na reverie há uma sincronia

entre a diade em termos emocionais (e.g., disponibilidade do analista; função α do analisando) e é dependente do estado da barreira de contacto, Bion (1962).

Para a capacitação do analista, quer requer uma forma de criar um sistema de registo, dada a exigência emocional ligada à interação analítica e simultaneamente uma correspondência com teorias aceites, Bion (1962) reformula a teoria em termos simbólicos-matemáticos: L (Love), H (Hate) e K (Knowledge) que definem as ligações na transferência e constituem um apelo à simplicidade, desta forma, diminuindo a arbitrariedade.

Tomando K como exemplo, xKy não determina y em função de x , mas se dá a conhecer em função da disposição psicanalítica para o conhecimento, em que y é desconhecido ou em vias de ser conhecido. O mesmo é para xLy e xHy , de acordo com a existência de objeto psicanalítico, ou objeto que se quer conhecer. A variável x poderá se encontrar num momento em que se apresenta na posse de y e representa a realização que se alcançou sem sofrimento, que constitui a negação da realidade, (Bion, 1962; Hollway & Jefferson, 2000). Na realização de K do psicanalista, a extração de uma afirmação, requer a confiança de que encontra expressão em termos de senso partilhado, e decorre de outras realizações. A abstração por si presta-se à comparação e não tem realização a que corresponde. A concretização, pelo contrario, fixa-se ao objeto que se conheceu e que é partilhado na sua correlação a outros sentidos, (Bion, 1962; Hollway & Jefferson, 2000) o valor fixado para a representação, pode surgir como eixo na compreensão de representações arbitrárias (e.g., de organizações psicóticas), Bion (1962): Hypochondriacal symptoms may therefore be signs of an attempt to establish contact with psychic quality by substituting physical sensations for the missing sense data of psychical quality, (p. 53).

O aparelho mental conceptualizado a partir do processo primário e secundário, de onde Freud divide o funcionamento mental é limitado para a compreensão do funcionamento psicótico ou borderline psicótico, ou para a parte psicótica da mente, onde o objeto mental é monocular e seria sempre monocular, uma vez que os elementos conscientes na produção de elementos conscientes e os elementos inconscientes na produção de elementos inconscientes relacionam-se de forma hermética. O objeto de senso não se tornou válido porque se trata de entender a experiência emocional na concretização que é feita com objetos reais, onde não há correspondência em termos de qualidade psíquicas na mente. Por outro lado, porque é monocular “. . . impartial register of the psychic quality of the *self* is precluded” (Bion, 1962, p. 54). Deste modo o objeto mental e relacional presta-se a uma reconstrução, ao que o modelo da barreira de contacto em continuo processo de formação pela função α e pelos elementos α , torna visível a falha no alcance da teoria do processo primário e secundário, uma

vês que a presença de elementos β , e do objeto bizarro ocultam a proliferação de elementos.

Para emprestar um valor à função α , é necessário descobrir a ligação, dentro das três variáveis, que a faz entrar em funcionamento. Se não existe ligação, a absorção de objetos físicos pela mente, opera um desvio da verdade, que é essencial para a mente como o alimento é para o corpo, Bion (1962). O pensamento compreende o hiato entre o desejo e o impulso à satisfação do desejo. Se na aproximação do bom objeto (i.e., o seio), é sentido na dor que provoca, a sua conquista é sentida como a evacuação do sofrimento, isto é, do mau seio. O seio que foi sentido pela boca, fez com que o mau seio não se distinguisse do pensamento, que neste caso não serve para ser pensado mas evacuado, segundo Bion (1962) não se trata de um elemento β , mas do objeto bizarro.

Como descrito, Klein (cit. Por Bion, 1962) fez depender a evacuação do sofrimento, aos ataques desferidos ao seio. Deste modo a evacuação do objeto bizarro, contendo o mau seio mas também aspetos ligados à realidade e ao bom seio, faz emergir qualidades nos objetos externos, que passam a ser entendidos como realidade objetiva mas de forma não exclusiva, também são vistos como realidade subjetiva. Se a ligação for encontrada e se a realização de aproximação de seio permite a abstração, então qualquer aproximação da abstração evoca as qualidades do seio.

The first level of statements are particular, derived from an actual episode, and concrete; that abstraction become further and further removed from the concrete and specific until their origin is lost to sight. The abstractions that are thus produced may then be reapplied to a realization when a realization is found that appears to approximate to the abstraction. (Bion, 1962, p. 60)

A abstração é entendida como um fator da função α e é importante que se descrimine as realizações de onde se originou. É necessário, para além disso, perceber qual a relação que o modelo mantém com a realização de onde derivaram o sistema hipotético-dedutivo e a abstração, Bion (1962). Os sistemas hipotético-dedutivos sob influencia da função α , que os mantém coerentes com as realizações surge através da abstração da experiência emocional da digestão e da alimentação, que tem a sua origem na relação com o seio. Mas da imagem concreta podem surgir construções do sistema hipotético-dedutivos que se aproxima da realização (e.g., como na narrativa). É necessário distingui-lo da formação do sistema hipotético-dedutivo que se originou da função α , para evitar confusão, Bion (1962). Quando a abstração não é possível, o analisando usa o sistema digestivo para tratar os pensamentos

como comida e como tal são destruídos, destituídos do seu significado, ao ponto de tratar os fragmentos do pensamento como fezes. Na comunicação de interpretações, as palavras não devem aludir ao objeto alimentar ou digestão e as suas concomitantes. A abstração para formar sistemas teóricos devem, de alguma forma abandonar a abstração da realização original, Bion (1962) denota que as abstração do adulto são diferentes das abstrações na infância.

Quando se requer um modelo de sujeito, a existência de elementos dispersos, dada a impossibilidade de acorrer à abstração da realização original, leva a que o modelo sofra incrementos de abstrações para colmatar o hiato. Possibilita a utilização dos sentimentos de uma dada experiência aplicados como totalidade, Bion (1962). A abstração por si origina a formação de pré-concepções do futuro do analisando, enquanto que um modelo formado por elementos do passado e da experiência emocional leva a novas realizações, dando flexibilidade ao modelo, que é potente na discriminação da relação entre os elementos da sequencia, ao passo que se torna menos óbvia a relação entre os objetos, Bion (1962)

Para um nome dado na ocorrência de uma experiência emocional, vários elementos mantêm-se juntos (i.e., a conjunção constante), para uma dada realidade em que o uso do nome equivale ao que caracteriza a experiência emocional, surge uma nova realidade, os elementos da experiência forçam o estabelecimento de um sistema hipotético-dedutivo. Os elementos juntos que definem a realização, conectam-se com outros elementos que ao não definirem a realização formam o “background” da experiência emocional, que permite a expansão do modelo. A particularização serve -K, que significa na ausência de abstração, à saturação da pré-concepção, seja à particularização em detrimento da abstração, onde as palavras são coisas, Bion (1962).

O objeto psicanalítico formula-se da seguinte forma: $\{(\pm Y) \Psi (M) (\xi)\}$, onde Y é a direção do crescimento, - corresponde ao narcisismo e + ao socialismo; Ψ é uma constante e trata-se da pré-concepção inata; enquanto M se refere à característica da personalidade que surge da experiência emocional quando Ψ se ativou por (ξ) ; enquanto que (ξ) o elemento insaturado que determina o valor da constante. Trata-se do objeto de onde surge o entendimento de K do sujeito, que é restrito mas surge como uma constante para o analista e funciona como uma pré-concepção que contém uma “penumbra of meanings” (p. 70). O conhecimento de Ψ , depende do valor que se encontrou para (ξ) , Bion (1962).

Se numa dada realização emocional (i.e., realização emocional da descoberta de coerência), na dispersão de elementos ocorre um elemento que tem a particularidade de manter os elementos juntos, do facto selecionado, na relação que os elementos tem com o

todo, ocorre a passagem da posição esquizo-paranoide para a posição depressiva. A pré-concepção que surge do objeto psicanalítico compreende a *reverie*, e o elemento que define o facto selecionado particulariza os restantes factos selecionados, que têm contrapartida na realidade. A concretização não serve o sistema hipotético-dedutivo a não ser que os elementos que compõem o que foi particularizado pelo facto selecionado seja tratado pela função α para resultar um processo racional. A lógica interna do que deriva do facto selecionado, não corresponde ao sistema hipotético-dedutivo, a concretização do objeto em si, pode no entanto, ser formulado em termos matemáticos e não têm realização correspondente, é coisa em si que deriva do conhecimento apriorístico e serve a elucidação de $-K$ por K . Neste sentido Bion (1962), entende que a organização da experiência emocional através da narrativa é associada à teoria de causalidade, que difere da experiência emocional na passagem da posição depressiva à posição esquizo-paranoide, “The forme of association between elements bound together by narrative is distinct from the form of association discerned through transition from paranoide-schizoid to depressive position.” (p. 74). O crescimento do modelo ocorre pela adição de elementos e a sua complexidade torna o modelo rígido na sua aplicação, donde a expansão depende da abstração.

O complexo de Édipo corresponde a um sistema hipotético-dedutivo, o modelo específico, não deve ser confundido com as construções teóricas que lhe emprestam corpo, nem com a abstração ou concretização da abstração. O Édipo e os seus derivativos na formação de um modelo seriam propensos à matematização, através da formulação matemática do sistema hipotético-dedutivo, de onde surge o cálculo algébrico, Bion (1962), (cf., na FANI, a informatização dos dados não operam resultados ao nível da intuição, trata-se do pôr fora, de forma sistemática pelo tratamento dos dados, em que opera o “insight”, Hollway & Jefferson, 2000).

“... it makes conscious and unconscious available for correlation; but i do not consider the need less pressing to investigate the weakness that spring from faulty theory construction, lack of notation and failure of methodical care and maintenance of psycho-analytic equipment. (“Care”, “maintenance”, “equipment”, -again the *implicit* model.)” (Bion, 1962, p. 78).

O modelo por mais abstrato e abrangente que possa surgir, não pode ser confundido com a teoria, o que surge do modelo e que é concretizado pode ser verificado de forma empírica, o que se formará numa teoria se a correspondência ao real atender a um universo vasto de

situações onde é verificado. Mas um modelo terá sempre um mecanismo que adere ao modo de desimpedimento pela acção e pela concretização que o vai limitar. Por outro lado, a restrição do modelo no que ópera a *interpretação mantém-no próximo da realização de que derivou*, Bion (1962). Trata-se então de crescimento e de transformação da experiência emocional no que as impressões sensoriais são transformadas em elementos α , ao que o modelo sujeita-se a abstrações até ser substituído pelo sistema hipotético-dedutivo.

A investigação das ligações (i.e., K, L e H) ás realidades do sujeito adquire relevância na FANI, a existência de ligações dão conta de realidades prévias do sujeito (e.g., pelo objeto bizarro), ocultam a experiência emocional e requerem investigação. Nas perturbações de pensamento a formulação de um modelo mental adequado ao sujeito terá um efeito semelhante à formulação de um modelo mental em K (Bion, 1962; Hollway & Jefferson, 2000). Através da investigação psicanalítica, Bion (1962) entende que a abstração que dá conta de modelos de pensamento centrado num sistema digestivo danificado, requer a sua reformulação. Existe, então, alguma fragilidade na construção de modelos, mas é importante que se acentue o modo de ser e fazer que dão conta do crescimento mental. É através do sujeito que o modelo de pensamento é encontrado, “the problem them would be to see how he uses this “object”, particularly if the patient felt unable to evacuate it - to disburden himself of these accretions of internal stimuli.” (p. 83).

O problema é epistemológico, resolve-se pelo facto dos pensamentos existirem antes de um pensador, onde o pensamento deve ser desenvolvido, por forma a que os pensamentos possam ser pensados, Bion (1962). Os pensamentos podem-se integrar a partir de duas atividades mentais: como abstração de realização do sistema hipotético-dedutivo; ou através da sua evacuação a partir da musculatura. O aparelho mental deve abstrair da experiência emocional, elementos sensoriais que se conectam entre si para se reencontrar com a experiência de seio, o que pela ausência provoca sofrimento, trata-se de um mau objeto e os maus objetos atormentam, a realidade é (O) em si mesmo e serve a evacuação, na ausência de tolerância; denota falha em duas dimensões, na ausência de elementos α , ou no aparato para usar os elementos. Se pelo contrario o pensamento de seio sofre uma transformação, o nome denota o elemento α , Bion (1962). A abstração surge para melhorar o modelo de pensamento, e o sistema hipotético-dedutivo funciona juntamente com a produção de elementos alfa, o que é entendido como a visão binocular do psicanalista, Bion (1962). São necessários dois modelos, o modelo que é abstraído da teoria psicanalítica, e o modelo do sujeito. A falha na precipitação dos elementos para dar lugar à posição depressiva, denota a ausência na identificação do facto selecionado, o objeto é visto na sua perspectiva reversa, “The total

process depends on relaxed attention; this is the matrix for abstraction and identification of the selected fact.” (Bion, 1962, p. 87).

Heidegger 1927

No conhecimento epistemológico da FANI, deu-se a conhecer o trabalho de ligação da experiência emocional e relacional, para o estabelecimento de uma via de crescimento individual, de suporte à visão holística e ao relato do sujeito sobre si, que fez depender duas vias teóricas distintas de conhecimento pela hermenêutica, a que surge do envolvimento do setting psicanalítico e a ruptura simbólica que leva a uma visão antropológica do sujeito, como não estando em si mesmo, numa tendência que se generaliza no quotidiano individual e na relação com os outros, demarcando uma larga influencia dos outros poderoso e constituindo uma visão antropológica/etnográfica de reconhecimento pelo outro significativo. Como este sujeito se dá a conhecer? Quais os fundamentos ontológicos que dão conta do sujeito ontico, para o estabelecimento da ligação de carácter emocional que soluciona a via errante na relação com os outros? A relevância dos fatos narrados está no limite do ser enquanto expressão de si, no ser para a morte de onde surge a temporalidade do Dasein, Heidegger (1927). O Dasein é a entidade que se destaca do ego e do self, é estático, no qual arrasta a sua experiência no mundo e é temporalidade porque se envolve num movimento constante sempre em direção ao One, no qual se dissolve no seu modo de ser. É entre o factual e o genuíno que surge a estruturação do Dasein, na vida quotidiana e na sua temporalidade, que o torna futuro pela indeterminação do passado que se tornou certo, *do qual corre à sua frente*.

A questão cartesiana de um pensamento à priori leva a que a construção da noção de tempo heideggeriana dependa da disposição, que é relacional e que se encontra. O tempo é aquilo que sinto num dado momento. O Dasein encontra a sua especificidade, a especificidade humana, ao que recorre à propriedade de ser como entidade própria, o meu Dasein. E que é aquilo que se tornou visível sendo temporalidade e que caracteriza o Dasein na determinação fundamental do seu ser, Heidegger (1927).

O Dasein é caracterizado como being-in-the-world, o que pressupõe lidar com ele, “tardar-se com ele na forma como se realiza, efetuando e completando, mas também contemplando, interrogando e determinando por forma a contemplar e comparar.” (p. 7). Neste sentido, being-in-the-world é caracterizado como preocupação. Preocupação que na sua especificidade encontra o outro, é com o outro e neste being-with-one-another, o outro partilha o mesmo mundo. O Dasein determina-se ontologicamente naquilo que comunica, portanto com o outro, acerca de qualquer coisa, coexistindo a interpretação das vivências de onde surge a sua auto-

determinação. Ser significa com o outro, donde não ser, enquanto ser com o outro é também com outros. Enquanto ser é não ser com os outros, ocorre a possibilidade do meu Dasein e que é determinado também pelo objeto que o Dasein é, sendo por si, falando de si por si, que manifesta a preocupação da sua existência. Como o tempo flui, o Dasein não decorre do ego ou do self, mas trespassa-os acompanhado do objeto de que se ocupa e que é parte integrante do One. O objeto de apoio do Dasein destitui-se das suas qualidades cognitivas, para se dar a entender na sua relação emergente, que torna a apreensão do Dasein na sua extrema possibilidade de existência. Mas o Dasein de outros nada nos diz acerca do Dasein, para todo o efeito, o meu Dasein, Heidegger (1927).

Na indeterminação da morte do Dasein que se arrasta a partir do One, este flui para o passado e descarta essa possibilidade, dissolvendo-se nele. Passado que opera como um buraco negro, no sentido do vazio, no qual flui e que define o “como” do Dasein (i.e., o que se tornou visível), que não se trata de um acontecimento passado que leva a que a corrente se oriente nesse sentido, num tratamento do tempo por si, que define o “quê” ou o “quanto”. O Dasein surge na sua forma corrente esclarecido no “quê”, mas na determinação e manutenção da preocupação fundamental do Dasein enquanto being-in-the-world, o que facilita o “como” que planifica e que torna possível a sua capacidade de se sentir só, na estranheza que resultou da ausência de being-with-one-another. O movimento do Dasein que decorre do passado é pura temporalidade e pertence ao futuro. Ao ser tempo o futuro contém o presente e o passado aos quais retorna sendo futurista, deste modo, “Maintaining my self alongside my past in running ahead i have time.” (p. 14). O “quê” e o “quando” impossibilitam o “running ahead” do Dasein, o que implica o seu colapso, o Dasein quer agora livrar-se do passado, recorrer ao futuro na indeterminação deste passado que se tornou certo. O que se tornou preciso pela indeterminação do passado e quer se tornar presente torna-se tempo nas possibilidades do meu Dasein futuro. Sendo tempo, o “quê” e o “quanto”, bem como o “quando” impossibilitam a fluidez do Dasein que sendo tempo é futuro. Pela impossibilidade de apreensão o questionamento parte do Dasein que “. . . flees in the face of the how and clings to the specific what that is present .” (p. 15).

Como tudo converge para o presente e tudo se tornou visível, o futuro está contido neste presente e é futuro, que implica *afetividade*. Este futuro não é o mesmo que corre à frente do passado, mas o que se encontra contido como matéria quantitativa no presente. O futuro é o que resulta em cultura e no desenvolvimento que é absorvido pelo presente. Como a *afetividade* tornou o Dasein no seu movimento futuro, sendo presente, a sua quantificação distende o tempo, que de forma insistente volta ao passado, vazando-se e enriquecendo. O

Dasein enriquece-se no tempo cronológico do presente na procura de novos objetos, que operam no agora; no agora até depois; até ao próximo agora. Being-in-the-world tornou-se being-with-one-another, que implica que o One seja agora, no presente do tempo cronológico, que nunca é futuro, a medida do tempo é sempre presente, contém o futuro e o passado, “Then time is already interpreted as no-longuer-present . . . past is irretrivable, future indeterminate.” (p. 17).

O tempo enquanto expressão da autenticidade do Dasein segue os princípios de: Irreversibilidade, que compreende tempo autentico que se apreende enquanto se explica e que permanece futuro no “fenómeno fundamental do tempo como Dasein.” (p. 18); Homogeneização, que é uma total assimilação do tempo ao espaço, sendo o tempo uma variável tridimensional, acompanha o espaço e enquanto sabe de si, o Dasein fala de si na mutabilidade do tempo enquanto assimilado ao espaço. O tempo é ele próprio no espaço e por isso não é sujeito a confirmação matemática, qualquer momento no tempo é arbitrário e esta arbitrariedade determinística não confere autenticidade ao Dasein.

A historicidade só é Dasein quando se torna na sua possibilidade, o passado histórico é inesgotável. Sendo futuro, o Dasein é o seu passado na sobre-determinação histórica, que se deixa ver através do “como” que se torna presente. É o “como” que se torna possível repetir no dia-a-dia e se torna consciente:

“The past as authentic history can be repeated in it's how. The possibility af access to history is grounded in the possibility according to which any specific present understands how to be futural. This is the first principle of all hermeneutics.” (Heidegger, 1927, p. 20.).

O Dasein é a minha especificidade, a indeterminação do passado permite a autenticidade do meu Dasein, que persegue o futuro nas suas possibilidades de ser, que não é tempo, mas temporalidade. Ser na temporalidade descarta qualquer tautologia. O tempo é o princípio de individuação pela perseguição do futuro na face do seu passado singular. O processo de individuação não se descarta de being-with-one-another e não encontra a tomada de si numa individuação espetacular, a particularização encontra-se com os outros, dos quais não se destinge, toda a gente é igual. Como a única entidade que se repete é o “como”, ser é ser-se questionável, Heidegger (1927).

A co-constituição do Dasein

Na formação inicial, o Dasein existe no encontro com os objetos, orienta-se para eles, é portanto estático, sempre à sua frente. Interessa ser para si, de si para si, que no ser temporal flui sob ansiedade para a pseudo-segurança do One, donde um duplo movimento decorre. Na insolvência com os objetos o Dasein retira os significados da sua existência, o que se tornou significativo para o self autentico. A autenticidade do self terá que ser encontrado no desdobramento do tempo onde ser-no-mundo envolve-se no modo de ser, portanto a autenticidade e a factiosidade são co-constituintes do Dasein. Encontrando-se no vazio de si, o self não será mais que o pragmatismo que exhibe, é a autenticidade que se vai revelar mais que aquilo que faz. Ela é extraída no encontro existencial com os outros, onde a única certeza que tem é que se ausenta de si, na sua morte, que individualiza. Questionando a factiosidade, a existência é o que no contra-movimento de de-segmentação no conformismo diário se manifesta, extraindo a futuricidade do movimento de se tornar autentico (i.e., tornado passado). Visto de forma inversa, na morte do Dasein surge a sua extrema possibilidade de ser, ao acrescentar-lhe futuricidade (i.e., na incerteza do passado que se tornou certo), antecipa o apoio no self inautêntico, desencontrando-se, imobiliza-se e liberta-se do alcance de outros, dos outros de si, dos/com os outros de si (cf., one otherness), neste fechamento é possível o encontro existencial com os outros. Como ser com os outros é ser na inautenticidade do dia-à-dia, a existência do Dasein no seu fechamento é contestada, o todo manifesta-se na maneira de ser de um todo em perigo (i.e., o todo do Dasein na sua maneira de ser um todo, encontra-se em perigo). É a fundamentação do Dasein que se encontra ameaçada, que o torna em liberdade apaixonada para a sua morte, liberto das ilusões do One, factício e certo de si mesmo, onde já não é neutro. Nesta liberdade em contacto existencial com os outros, o Dasein encontra-se perdido em si mesmo, dissociado e manifestando-se ligeiramente diferente. Na corrida apaixonada e ansiosa para a morte, o self deixa de ser determinado pelo One, de forma apaixonada e desconectada, Brogan (2011).

A consciência

Saber-se de si, em consciência, determina a escolha do self autentico que toca o self diurno na factiosidade do dia-à-dia, que implica recuperar a capacidade para escolher. A autenticidade e a inautenticidade opõem-se, a negligencia do self pertence à inautenticidade do self. A escolha de si tem que operar numa total ausência do One-self, que resulta da sua reversão, para isso a consciência préclui uma parte do self inautêntico na escolha de escolher o self autentico (i.e., a resolução). Nesta retirada do One-self, o Dasein retorna ao vazio, o que

constitui a ontologia da ação (i.e., o duelo compreensível no mundo). Estamos familiarizados com a consciência pela sua voz, como qualquer coisa que ouvimos a consciência chama por nós, provoca o retorno ao nosso self para fora da solvência do self inautêntico. O foco torna-se a escuta e a audição, a fala surge capacitada pela escuta recetiva, ambas tornam emergentes a autenticidade e a facciosidade que é o que tornou o Dasein ele próprio. Trata-se de uma chamada para a autenticidade de si para si, na falha que surge do self diurno na experiência do One-self por não ser o One-self. Na falha da vós da consciência é no One que o self diurno procura a sua continuidade, no barulho do dia-à-dia cessa a ação por indefinição no One, irrompe um outro tipo de escuta que é dada pelo Dasein para si próprio, que tem caráter de oposição. Esta chamada é silenciosa, sem ambiguidade e não provoca curiosidade. O ser existencial necessita de um ajuste, a capacidade genuína para ouvir assenta sobre a incoerência do discurso reprimido, mas é essencial para ser-com-o-outro na claridade da transparência, em oposição à absorção no One. A transparência que envolve o ser-com-o-outro, reveste-se de uma escuta poética que não se sujeita à linguagem banal. A palavra autêntica tem que surgir do próprio, na conversa comum, a surgir de fora ela não gera impacto na autenticidade, não somos o outro da chamada. A separação do estupor do dia-à-dia é feita a partir da chamada da consciência, no modo de ser autêntico, o Dasein deixa traços no self inautêntico e deste modo a existencialidade que se associa ao ato consciente encontra-se nas coisas onticamente, mas não se manifesta, a chamada da consciência é silenciosa, gera expectativas e prepara o retorno à linguagem existencial, Brogan (2011).

Nesta chamada à consciência, que chama de longe, o self é em si um estranho, a distancia do self autêntico para o self duplica e a chamada da consciência vem de longe, a face onde o self se projetou são os outros-outros. E portanto está em permanente transformação, em movimento em si, fora de si, a partir do momento que encontra a sua distanciação de si e dos/para os outros. Sem o barulho do dia-à-dia, no silêncio que é essencial à consciência faz a sua abertura para o mundo na emergência das coisas, que surgem no dia-à-dia e que constroem o self diurno. O Dasein vai para além de ser no mundo, para além da chamada da consciência, neste movimento o self diurno colapsa, o que abre a genuinidade da conversação, Brogan (2011).

A culpa

A consciência expõe-se para encontrar a autenticidade, extraíndo o self diurno da existencialidade do Dasein, o que constitui uma falha. É de forma apaixonado que quer ter uma consciência, que se conhece e quer conhecer o self diurno que exclui, no desejo de ser.

No conhecimento do self diurno, envolve-se na estranheza de querer conhecer e perde o fundamento. O desejo de conhecer e o necessário ajustamento em si mesmo, tornam-se aspetos concretos da existencialidade do Dasein, que é truncada na possibilidade de ser, pela emergência da autenticidade que gera a falha e ao surgimento da culpa. Isto significa que para além da responsabilidade de ser quem é e de se determinar na sua forma de ser, a chamada da consciência por ser-com-os-outros, define a falha no modo de ser. O ajustamento para ser-com-os-outros é feito sob ansiedade e revela a chamada para escutar o nada que sou, na responsabilidade perante o One. Da mesma forma que não escolhemos a história e a cultura em que estamos inseridos, não escolhemos as pessoas com quem lidamos, nem determinamos a sua exclusão, na preocupação em ser-com-os-outros, é definido para além de, próximo na potencialidade do outro ser ele próprio, que não se encontra já na mesma esfera, Brogan (2011).

OBJETIVO

Adequar todo o referencial teórico que deu corpo à Free Association and Narrative Interview Method, a um caso doença prolongada que tem até aos dias de hoje sido perscrutado exclusivamente nos domínios da medicina. Trata-se de entender as consequências psicológicas da doença e do tratamento de um doente renal crónico.

Da análise do traço e do peso que o sinal manteve na medicina, houve uma integração das mesmas formas de ver o sujeito pela psicologia clínica, que a aproximou da psicologia experimental. A psicologia clínica terá treinado o olhar para o sintoma, deixando o invisível do sinal encoberto. Nesta ampliação da importância dos sintomas enquanto o conhecimento do homem se expandia, o relacionamento “clínico-doente” fechou-se no saber positivista, na relação de significações que os sintomas apresentam entre si e nas relações que produzem, que ao serem comunicados são o que são. Operou-se então um movimento no sentido do conhecimento de um novo caso que emerge da passagem do visível ao enunciável, que depende do objetivável, mas também do subjetivo. A considerar o sujeito, terá que ser feito relativamente ao todo, na sua especificidade, desta forma Marques (1999), releva que “Ao introduzir as concepções dinâmicas, com o peso da psicanálise, também delas se diferenciou ao só reter os modelos que fundamentam a compreensão ... “ (p. 117), este afastamento da via objetiva gerou novas relações de significações entre os sinais.

Ao afastar-se das visões objetivas da medicina, a FANI apoiou-se naquilo que o sujeito expressa, de acordo com uma temática que é prescrita, mas que assenta sobre aquilo que o

sujeito enquanto produto e produtor de conhecimento de si e dos outros comunica. A via hermenêutica tem para Hollway e Jefferson (2000), um caráter de desconstrução que passa a revalar mais do sujeito que aquilo que este transmite. Para Brogan (2011), a hermenêutica terá sempre alguma violência associada, dada a irredutibilidade do passado. Deste modo pesquisa sobre o subjetivável do sujeito o objetivável, tendo como eixo organizador o Dasein.

METODOLOGIA

Tipo de estudo

Pesquisa-se a complexidade, numa abordagem holística do sujeito através do estudo de caso, na *construção social do sujeito*, Hollway e Jefferson (2000). A expressão do sujeito psicológico surgiu sempre em relação a um grupo de referencia captado na positividade do sinal, Marques (2001). A especificidade surge no entanto na submissão à situação de avaliação na inter-subjetividade, onde se consideram os conteúdos que reenviam às condutas e à forma como processa “. . . cuja significação depende do lugar central que é dado ao inconsciente, que opera sobre o manifesto que esconde o latente . . .” (p. 124), captado na transferência e contra-transferência, em que não sendo central o conhecimento do sujeito enquanto objeto, é a narrativa e a forma como é produzida que se quer conhecer na análise, (Bion, 1962; Hollway & Jefferson, 2000; Marques, 2001).

Instrumento/Método

Quando conectados a experiências emocionais relevantes, o conjunto de associações ligadas entre si, pela forma como o entrevistado as vivenciou, são transcritas na entrevista de uma forma pessoalizada; dando lugar a vias mais abrangente de expressão, logo simbólica seguindo o raciocínio da autora através de Segal (cit. por Hollway & Jefferson, 2000) e Klein (cit. por Hollway & Jefferson, 2000) e por isso facilitadora da Gestalt. Existem então, segundo Hollway e Jefferson (2000), procedimentos específicos para que a Gestalt se verifique e dê lugar à (re)transcrição da realidade do/pelo sujeito. O questionamento, como se encontra nos questionários estruturados com escalas tipo Likert, geram formas intelectualizadas de lidar com as temáticas que se querem conhecer; redirecionam o respondente para valores fixados o que restringe o campo de comunicação das experiências tal como foram vivenciadas. O questionamento é restrito, em numero de questões, evocativo na sua extensão, e portanto, constituído por questões abertas por forma a gerar projecção da

realidade emocional e dar conta das ligações que se geram na emergência de conteúdos relevantes para o sujeito dentro de uma determinada temática. É exemplo de questão pela qual se extraem tais conteúdos “can you tell me about how crime has impacted on your life since you've been living here” (p. 37).

Esta via surge das dificuldades sentidas pelos autores, causadas na execução de questões fechadas, visando acontecimentos específicos, ou através de hipóteses sobre essas temáticas por forma a incidir sobre as áreas que se querem conhecer. Muito do que se abandonou nesta fase será utilizado mormente, uma visão simplista e pouco elaborada reflete-se no surgimento de ansiedades no relacionamento entre entrevistador e entrevistado, que resultam na expressão dos acontecimentos à mínima. A perspetiva de encontrar a ligação entre as defesas do sujeito e os acontecimentos exteriores pode tomar forma, se houverem considerações diferentes sobre o sentido destas ansiedades. A etnografia, neste contexto, estende o conhecimento do sujeito e do self, ao conhecimento de outros relativos, integrantes da vida emocional do sujeito e chave para o entendimento do self na construção psicossocial do sujeito, Hollway e Jefferson (2000).

Existem várias abordagens a serem consideradas, porque não nos aprofunda-mos na perspetiva etnográfica, mas nas implicações da interpretação psicanalítica para o conhecimento desta construção que surge das defesas internas do sujeito e do espaço social: A abordagem *tradicional* prima-se pelo estabelecer de um relacionamento harmonioso onde se geram laços de simpatia (i.e. rapport) e o questionamento não incide diretamente naquilo que se quer conhecer, por forma a preparar o entrevistado. Não prepara, no entanto, o aprofundamento que surge do processo associativo, ao interditar a expressão de liberdades e verdades, as emoções surgem de forma abrupta, desorganizam e deslocam o intuito primário da entrevista e geram ansiedade. É no entanto considerada pela forma como prepara e/ou direciona, para uma questão central mas, “the problem, we concluded, went deeper than a few mistakes, which all interviewers make – through tiredness, lapses of concentration, a clumsily worded question on taping into unknown (and unknowable) sensitivities.” (p. 30); A perspetiva *feminista*, mais ou menos em oposição à abordagem tradicional, direcionou-se para o combate de formas repressivas da espontaneidade e expressão de conteúdos, vendo nas vias positivistas uma falha da ubiquidade de onde resultou a subordinação de género, quando vítimas de violência domestica teriam maior probabilidade de serem agredidas dentro do grupo de pares ou nas suas próprias casas, ao contrario do que indicavam os censos. Defendem por isso a ausência do masculino e a simetria no relacionamento da diade entrevistado e entrevistador. Esta pode contudo, condicionar as vias de construção de

conhecimento dentro da esfera feminina, quando terá sido visto tendencialmente como o único método de investigação, Hollway e Jefferson (2000); A abordagem narrativa pressupõe que o entrevistador seja bom ouvinte e o entrevistado um contador de histórias, a narrativa depende das capacidades do entrevistado para a proliferação de elementos alfa, conectar os elementos em torno do fato selecionado, formar a narrativa e comunicar o conjunto de factos internos que se querem conhecer, (Bion, 1963; Dias, 1998). É o entrevistador que estabelece o sentido da narração e mantém o controle sobre ela e será impositivo de: Na seleção do tema e dos tópicos; na ordenação das questões. As entrevistas estruturadas e semi-estruturadas dificultam a formação da narrativa, se o conjunto de questões redirecionam o respondente para áreas que não se encontram no espectro dos seus interesses e é da responsabilidade de quem narra a história pessoal de “making the relevance of the telling clear”, Chace (cit. por Hollway & Jefferson, 2000), numa visão holística, a história é formada com um início, um meio e um fim. Mas a “vida” não tem a coerência de uma história narrada, e a narrativa permite, ao fornecer o essencial e se direcionar para a contextualização do sujeito e das suas preocupações a emergência de ligações menos claras que, na intersubjetividade, urge a solicitação à interpretação, mas pesquisa-se o sujeito, Hollway e Jefferson (2000); *O estudo de caso* abre a via intersubjetiva, existem dois lados que se inter-relacionam na base da experiência emocional, sendo que o decurso das associações depende do esclarecimento do entrevistador, relativo à sua ansiedade e ansiedades do entrevistado, donde largamente de tipo interpretativo, e por isso o foco que é gerado, em torno do que se quer conhecer contém a marca da psicanálise e a construção da narrativa é desenvolvida através da interpretação. Através da FANI, a expansão de conhecimento surge com o auxílio da etnografia, é portanto um estudo de caso etnopsicológico. Para além disso assenta sobre o conhecimento ontológico e deriva da abordagem epistemológica, a que segue as vias de produção de conhecimento iniciadas por Sigmund Freud, mais tarde Melanie Klein, e de onde derivam outros autores, nomeadamente Meltzer, Winnicott e Bion.

O método *biográfico-interpretativo*, surge como metodologia de extração de histórias de vida, e teve o intuito de revelar os acontecimentos ocorridos com ex-militares após a I guerra mundial. A intensidade dos acontecimentos relatados são construídos pelo “defended subject”, onde terá operado a clivagem, alterações a nível mnésico e da produtividade, e onde terá surgido “faded-out memories and delayed recollections of emotionally or morally disturbing war experiences” (p. 34). A autora defende que o importante é captar o todo em detrimento da soma das partes, e refere que embora existam semelhanças entre a repressão na psicanálise do todo da Gestalt (i.e., o todo como repressão e barreira para os conteúdos que surgem na

consciência), não se torna fulcral a interpretação das defesas, nomeadamente da clivagem e como se terá organizado o imaginário, mas que existe uma Gestalt, Hollway e Jefferson (2000). Aqui a história narrada move-se sobre a cadeia associativa que assenta sobre os fatos que se tornaram conscientes, e que são expressão daquilo que o sujeito quer transmitir.

Existem quatro técnicas que facilitam o entrevistado na tarefa de encontrar a sua Gestalt, segundo Hollway e Jefferson (2000):

A utilização de questões abertas que não incidam sobre respostas dicotómicas ou de tipo Likert, facilitam o discurso, que se quer pesquisar através da relação que a parte mantém com o todo. Quanto mais aberta for a questão melhor, sem que aspetos relacionais e de envolvimento tenham sido tocados, a questão terá em si a marca da vivência emocional, e só assim poderá o discurso prosseguir sem desvios num “telling like it is” que se aproxima da realidade, Hollway e Jefferson (2000). As questões colocadas pelo entrevistador devem ser evitadas por indiciarem o desenvolvimento de respostas onde não há capacidade de sintetizar e contextualizar aquilo que o entrevistado sente, sendo que através da intelectualização da resposta, o sujeito conforma-se à racionalização no tratamento de informação Hollway e Jefferson (2000). Nesta via surge a desrealização, surgem conteúdos que não se movem dentro da realidade emocional do sujeito, ou por outro lado, na manifestação do todo e expressão dos factos tal como o sujeito os vivenciou, as temáticas surgem deslocadas ou exageradas. O que surge da envolvente violência é elaborada pelo sujeito através do racional do processamento de informação, surgem as imagens idealizadas e a realidade emocional do sujeito é (de)negada e despojada através da identificação projetiva, como explicado (Bion, 1962; Freud, 1938; Klein, 1937, 1957).

O prosseguimento do discurso é feito do imaginário do entrevistado, dentro do que as defesas suscitadas na organização da resposta permitem, em termos de transcrição e comunicação de conteúdos. É o sujeito que constrói a sua narrativa, como visto a comunicação do que é essencial da Gestalt do sujeito é perturbada por aspetos que emergem da personalidade do entrevistador. Hollway e Jefferson (2000) defendem que o desenvolvimento da narrativa pode ser assegurado na reformulação, utilizando os dizeres do entrevistado e respeitando a ordem da narrativa, por forma a que a sua estrutura seja construída em função da realidade emocional. Para isso torna-se necessário uma leitura atenta dos conteúdos e gerar notações que irão auxiliar na produção e construção das entrevistas, à semelhança do sistema de notação proposto por Bion (1963).

Foi por associação que se ilícitou ao desenvolvimento de uma história, os acontecimentos reais e imaginários ligaram-se de uma forma particular, a aproximação aos aspetos essenciais

e às preocupações geram ansiedade, ainda que os acontecimentos transcritos surjam através da transferência, a ancoragem à realidade e ao essencial da vida emocional do sujeito tece-se por associação. A particularização dos acontecimentos não permite que o todo se mantenha coerente e a narrativa cede à exigência do processo associativo no qual as ligações que se estabelecem pertencem ao domínio da transferência que pode ser por intelectualização e curiosidade (K) ou por amor e ódio, Bion (1962). A produção do todo terá que partir do sujeito, é o conjunto de factos que se mantém na área do individual, que convergiram num determinado sentido, que leva à realização e reformulação. A narrativa permite que o conjunto de associações transporte consigo o essencial, mas é no investimento e no que ocorre na área sensorial que se torna possível gerar novas associações, donde do todo enquanto expressão do individual. Por estes motivos, Hollway e Jefferson (2000) manifestam uma rutura com outras abordagens narrativas, onde o detalhe e o particular são valorizados na sua produção, mas onde a coerência da narrativa é valorizada, dando-se menos importância às qualidades adjuvantes do entrevistador na construção das narrativas e metodologia.

A temática que se abordou, a hemodiálise, leva inevitavelmente a questionar a relação que as ansiedades do sujeito mantêm com o self e implicações do tratamento para a vida mental dos doentes renais crónicos. O circuito que estes doentes têm que percorrer semanalmente para se submeterem ao processo gera rotinas, nas quais a vida do doente se fixou. Existe um comprometimento na situação laboral, ocupacional, na vida social e relacional e tudo vai depender da forma como o doente vai gerir o seu tempo. O tratamento é feito numa unidade especializada, com pessoal preparado, que recolhe opiniões favoráveis destes doentes. É no entanto um processo no qual se encontram implicadas muitas horas semanais, num ir e vir que se repete até ao limite do tempo. O doente na sua maneira de ser confronta-se com o seu *passivismo*, perante a *intrusividade* do tratamento.

Atendendo às questões teóricas e metodológicas da Entrevista Narrativa de Associação Livre, que assenta sobre o conhecimento ontológico e inscreve-se no conhecimento epistemológico, o método de recolha de informação teria que gerar uma via possível para que as temáticas se estendessem sobre as preocupações que surgem e que são íntimas do sujeito e da forma como a narrativa se desenvolveu, por isso é necessário um abrandamento do intervencionismo para dar lugar à livre expressão de conteúdos. Entende-se que as áreas de aplicação da FANI, são todas as atividades que se coloquem questões de investigação, em que o aspeto crítico que origina a ansiedade não encontre consensualidade na sua origem, conquanto o sujeito ou sujeitos implicados: “shares meanings with the researcher”, “is knowledgeable about him or herself”, “can access the relevant knowledge accurately and

comprehensively”, “can convey that knowledge to a stranger listener” e “is motivated to tell the truth”(p. 12).

Na perspectiva de Hollway e Jefferson (2000), o modelo biográfico-interpretativo altera-se na FANI, uma vez que o conceito que se pesquisou, encontra os seus fundamentos em termos socio-culturais e neste sentido a passagem a uma visão holística pressupõe uma conceptualização diferente para que se opere a passagem à construção psico-social do sujeito, e existem diversos domínios a serem pesquisados até que a hipótese inicial possa ser investigada no domínio social. As concepções do/para sujeito psico-social, devem ser pesquisadas visando acontecimentos específicos, no entanto estas questões surgem de uma reformulação da questão inicial, o sujeito gera ele próprio uma visão holística da sua vida e encontra os aspetos fundamentais em que a interpretação da entrevista vai assentar. Uma vez que o que se trata é de uma reação á passividade do sujeito exposto às terapêuticas de diálise, em que o discurso no domínio da violência e da agressividade não era explícito na vida deste doente, dando conta de modos de ser socializados, a questão de investigação segue o princípio da FANI, “the more open the better” e tem configuração semelhante a: “Qual o impacto da doença e do tratamento para a sua vida ?”.

O discurso do “defended subject” inicia-se a partir de uma “open ended question”, e pode ser verificada em termos qualitativos na análise das imagens que surgem alteradas e comprometem o seu desenvolvimento, sobretudo pela falência na tradução dos acontecimentos sem que essas imagens sejam ligadas a emoções fortes, por outro lado na dispersão e extensão dos conteúdos, insuficientes na sua integração, “Ela acentua o tanto de fragmentação e a distancia a que os fragmentos se projetam, como fator determinante do grau de distúrbio mental do paciente no contacto com a realidade”, (Bion, 1967, p.19). A maturação destes conteúdos através da oscilação dinâmica entre a posição esquizo-paranoide e depressiva, aumenta a “tolerância” ao sofrimento, Bion (1967). A progressiva autonomização do self relativamente ao objeto, permite o surgimento de boas representações mentais e uma alteração do estado afetivo o que melhora a comunicação e dá conta da abrangência dos fatos e da vida.

Na aceção de Bion (1967), o sofrimento é ausente quando a distancia entre elementos é tal que não permite que esse sofrimento surja na consciência e não pode por isso ser sentido. Para considerar um facto enquanto conteúdo mental a operar na relação, proceder-se-a a uma incursão á noção de Dasein de Heidegger (1927), no qual ser no mundo é ser-se em relação, donde o *Dasein* é explicada progressivamente a partir da noção matemática de infinito.

Quando a comunicação é feita, ela toca em domínios da vida do entrevistador que escapam

à realidade objetiva do entrevistado e é o imaginário e as fantasias inconscientes que transportam sentimentos gerados na relação, mas relativos de outras interações. Dois aspetos de relevo deverão ser elucidados: por um lado a consideração dada aos sentimentos do entrevistador colocam o entrevistado numa situação onde partilha de equidade; por outro lado, Walkerdine (cit. por Hollway & Jefferson, 2000) refere que os sentimentos do entrevistador podem ser utilizados na sua análise à posteriori. Neste quadro o entrevistador entra no modelo de construção inter-subjetiva que é utilizado no entendimento do entrevistado relativamente à sua vida relacional e afetiva, da qual retira o essencial da comunicação do sujeito, para a elaboração das suas notas. Fato que não seria comum nos procedimentos habituais na entrevista, mas esta investigação só é possível dando conta da complexidade da interação, dentro do que se fez no domínio da psicanálise onde a anotação se tornou proeminente, veja-se (Bion 1962, 1963).

A atualização de desejos e de fantasias surge da reativação das imagos, o que pressupõe a transferência, que ocorre numa relação onde as angustias do sujeito encontram uma via de transformação e de simbolização, sendo o entrevistador alguém capacitado a conter essas angustias e ao mesmo tempo ligar e transformar por forma que essas manifestações internas não venham alterar o conjunto de ligações e desligações necessárias ao trabalho mental implicado na *situação de entrevista*, “Bion, através da noção “continente-conteúdo” sublinha que a relação entre interno e externo e a significação do externo necessita de um mundo com limites seguros (continente), onde o sentido pode ser encontrado (conteúdo), que dá sentido ao contexto que o contém”, (Marques, 2001, p. 202). A autora conceptualiza a transferência e a contra-transferência como uma cadeia progressiva de acontecimentos relacionais em que os processos identificatórios mais simples, como o status socio-económico ou as habilitações académicas, surgem como vias de expulsão de conteúdos que, na equidade da relação evoca no entrevistador sentimentos regressivos de cariz empático, a autora refere que fragmentos da relação materna são transferidos inconscientemente, desdobrando-se um relacionamento maternal, (i.e., na entrevista a Jane), Hollway e Jefferson (2000).

Num espaço social em transformação, o que é objetivo e fixado pode levar à unicidade no/do relacionamento precoce, nesta viragem de atitude na transferência, o self ajusta-se à imago castradora e surge uma atitude defensiva face à mudança. Pode surgir então, um entravamento do discurso que segundo a autora é consequência da idealização/empobrecimento, por isso surge o objeto parcial, Hollway e Featherstone (1997). A criatividade e logo a transformação, pressupõe a autonomização do sentido do desejo, que leva a uma reconstrução da identidade na/da relação que leva a uma alteração do

relacionamento entre o self e o objeto, (Hollway & Featherstone, 1997; Hollway & Jefferson, 2000). A autora refere que há momentos em que o questionamento e o ecoar se tornam predominantes, dadas as dificuldades em construir o discurso, refere ainda que emerge um padrão que se fixa em torno do processo questão-resposta, Hollway e Jefferson (2000).

O aspeto interno causador de sofrimento joga-se na relação a um nível pré-consciente, o sujeito que contém o investimento pode atuar como “bode espiatório”, pelo uso da denegação e carecendo das qualidades transformadoras de continente que leva a realizações apropriadas, expulsar o conteúdo do sofrimento através da identificação projetiva, empobrecendo o ego uma vez que se evacua tudo o que se encontra associado ao elemento β e/ou objeto bizarro de acordo com Bion (1962), fruto do mau ajustamento e insuficiente relacionamento entre o interno e o externo entre o que é interno e o que é externo e da representação de si e da/na relação. O entrevistador deve fazer uso da tolerância à dor mental por forma a desintoxicar a carga persecutória dos conteúdos, o que faz com que surja na consciência do entrevistado o fato jogado na relação, que contém o sofrimento e é devolvido desintoxicado, para novos conteúdos geradores de significados, Hollway & Jefferson (2000). “in my containment of Jane's painful memories, they became safer to acknowledge, which then also enabled to feel recognised, to feel that her meanings had been emotionally understood”, (Hollway & Jefferson, 2000, p. 50).

Na abordagem de senso comum a construção da história de vida segue um modelo de coerência que é de quem narrou, o estabelecimento da via associativa permite que o discurso prossiga sem que os silêncios e os desvios de sentido da história venham perturbar o seu desenrolar, que orbita na orla positiva, pela própria natureza do processo. Encontra no entanto, a rigidez de um discurso que não pode voltar atrás para que não se vislumbre as incoerências nem a ausência de detalhe dos fatos narrados, pelo sofrimento que evocou, Hollway e Jefferson (2000). A resposta à questão aberta não se abstém que a racionalização se ocupe da construção do self que é produto e produtor de coerência da vida como é narrada. É também quem narra a história, dentro da visão holística do entrevistador, que interpreta e opera julgamentos dos significados e deste modo se ocupa do sentido que a narração tomou. Torna-se então, do ponto de vista de quem investiga, uma via de obtenção de dados onde se ignora muitas evidencias. O quadro desaba dadas as diferenças socio-culturais entre a diade, dando lugar ao outro lado da clivagem, a que opera a polarização do discurso racional, Hollway e Jefferson (2000).

Muito do que surge vai ao encontro da questão inicial, que incita ao desenvolvimento literal dos acontecimentos que são traumáticos e que remetem para outras dimensões do

funcionamento mental de que depende a organização da resposta, forçando o tanto que há de realidade nos fatos narrados. E é através da corroboração, no trabalho de campo e estudo etnográfico/etnopsicológico que se pesquisa a parte relativamente ao todo, Hollway e Jefferson (2000). As implicações sociais quando investigadas dão conta do caráter fóbico e reativo da envolvente, como explicado por Klein (1945), dada a componente onnipotência explicada nos textos de Klein (1937, 1957), entende-se que a realidade é negada, os conteúdos que causam sofrimento são despojados dos seus significados em Freud (1938), os acontecimentos relativos ao sofrimento mantêm-se na área assimbólica do pensamento, outros relativos são os seus representantes, Hollway e Jefferson (2000), “Um ser que não produz pensamentos está permanentemente a desautonomizar-se. O narcisismo destrutivo é ele próprio resultante da *pool* dos elementos Beta, sobrecarregando os elementos alfa que, não podendo ser sujeitos a uma cadeia transformativa, só podem ser evacuados nos objetos”, (Dias, 2004, p. 65).

Os autores abordam o “defended subject” numa visão sociológica, aqui o conhecimento do sujeito é implícito ao invés de explícito. A organização familiar é assim vista como sujeita às implicações emocionais que resultam da vertente institucional e deste modo o grupo familiar não só depende economicamente desta mas o fenómeno de incorporação que surge a explicar as visões paternalistas vão, na perspetiva sociológica, operar alterações na estrutura emocional familiar, no que é sujeita a alterações na disponibilidade dos conjugues para os seus filhos, para além de gerarem compensações emocionais (i.e., idealização), *onde se irá acentuar a defesa pela clivagem*, pelas falhas que a dimensão institucional têm para colmatar as assimetrias que surgem no espaço social e a relevância da honra do respeito e orgulho, para além da alienação de propriedade e herança, para o desenvolvimento emocional, Hollway e Jefferson (2000).

Se as visões sobre o contexto social permitem entender que existe um momento e um local específico que é compartilhado pelos entrevistadores numa determinada época, o uso da reflexão será importante no entendimento das interpretações que são feitas no domínio identitário, que aliás torna o processo de escolha daquilo que é interpretado mais proeminente e gera ligações de caráter emocional que ligam essas emoções de forma transferencial “ what distinguishes between good and bad use of reflexivity is obviously a vexed question for social science. Clinical psychoanalysis has been facing this question for longer, having acknowledged the impossibility of scientific objectivity earlier”, (Hollway & Jefferson, 2000, p. 65). É no entanto necessário ligar o trabalho de análise aos aspetos subjetivos que serão alvo de codificação. Neste trabalho onde se encontra realçado o detalhe que se deverá

relacionar ao conjunto de detalhes é difícil manter o todo da Gestalt e a reflexão é a primeira forma onde se torna possível considerar o todo na reorganização das partes, Hollway e Jefferson (2000).

O trabalho de codificação e análise dos dados através de computação, CAQDA (Computed- Assisted Quatative Data Analysis), reveste-se da particularidade de ser um complemento para o entendimento dos dados no todo conforme a Gestalt, uma vês que o agrupamento dos dados fornece uma *forma* e pode por isso ser considerada dentro das mesmas vias, Hollway e Jefferson (2000). No entanto os programadores consideram que a fragmentação e análise de dados qualitativos para o entendimento do sujeito psicossocial, não alcança resultados satisfatórios e deve-se ao predomínio do detalhe e de como o sujeito usa a intuição na construção da história. O conhecimento epistemológico será a ultima meta da análise computacional e portanto também o sujeito psicossocial, mas segundo Hollway e Jefferson (2000) será inevitável. Seguindo o principio da Gestalt recorrer à análise computacional corresponde a uma impossibilidade teórica, uma vez que o significado gera-se a partir da ligação que a parte tem com o todo e é relativo ao contexto em que se insere, a desintegração desse todo não gera os mesmos significados. Neste sentido considera-se a 'psicanálise estrutural que surge da antropologia estrutural e da linguística, também aqui o particular só tem significado se dentro de uma estrutura mais lata, como a “cultura” uma “frase” ou a “narrativa”. A Gestalt é também a forma como se apreende na mente o todo do sujeito e a partir de CAQDA é possível ter uma ideia desse todo fora da mente, a informação é extraída do sistema em frações. O processo de codificação da entrevista requer muita dedicação, aqui entra em jogo a informação que foi transcrita e que por isso passa a ser externa e a informação que, por surgir pela empatia carece de notação gráfica, na entrevista entra em jogo a transferencia e a contratransferência, a id. projetiva, a projeção, a vertente onírica do que é transmitido autonomiza e abre a via dos sonhos e das fantasias diurnas, esta informação é utilizada na medida em que opera no surgimento de insight e este apto a se tornar saliente no conjunto de notações, opera sobre a subjetividade prestes a ser comunicada ou transcrita, a partir da capacidade de elaboração do entrevistador/investigador, Hollway e Jefferson (2000).

Seguindo a ideia de Bion (1962) de que quando a id. projetiva ópera, a área da qual surge fica desocupada, a pré-conceção presta-se a novas realizações e a narrativa surge a partir do fato selecionado quando o conjunto de ligações internas são *suficientes* “The puzzle . . . made us notice something in a part of the text that was ostensibly an answer to our question . . . A key link could be made in consequence.” (Hollway e Jefferson, 2000, p. 72). A falta de

clareza na relação com a realidade provocada pelos eventos históricos e institucionais de onde surge a clivagem, dificultam a expressão da conjunção constante Bion (1962). A alteração das imagens e o aparecimento de sintomas, que só se torna visível no desenrolar e na convergência dos acontecimentos sociais/familiares transcritos, onde se tornou possível gerar ligação à relação dinâmica que originou o sintoma, tem a sua origem a nível psicossocial, é a este nível também que as implicações do fato ou fatos de caráter emocional são jogados nos diálogos incompletos e no ato que manifesta a falha que é irreduzível, mantém-do-se cíclica a relação social do sintoma. Ali (2002), aborda a esta questão, a partir de Groddek, da seguinte forma:

“O mesmo acontece quanto à saúde e à doença. O psíquico não influi no somático, nem o somático no psíquico, sendo um e outro aspetos complementares da vida, a vida que se vive, nos vive, mas que não se compreende. Inaplicável, portanto, a relação causal a dois acontecimentos que são o mesmo acontecimento, e toda a causalidade se torna auto-causalidade, produção de si por si, *causa sui*. Nada limita o id. Senão ele próprio, o id que é Deus em nós e fora de nós. Linear ou circular, física ou psíquica, a causalidade é suplantada pela relação de si a si mesma, em que o todo se liga à parte e a parte ao todo.”(p. 15).

A complementar o conjunto de procedimentos que foram descritos, é necessário ter em mente que o trabalho de investigação não segue as mesmas vias nem os mesmos objetivos que teria na clínica, o trabalho de interpretação ao incidir sobre os mesmos construtos teóricos, não opera na relação de crescimento mental com acento da interpretação dos dados em contexto terapêutico. As falhas que têm origem em contexto relacional e por isso assimbólico, são portanto interpretadas à posteriori, com domínio da dimensão inter-relacional, Hollway e Jefferson (2000).

A emergência da contra-transferência auxilia no trabalho de interpretação, ao que a neutralidade do investigador não será a mesma que em situação experimental. Ao não existir, a neutralidade vem reforçar o conjunto de realizações, gerando o movimento contrário, (i.e. interessa o acumular de narrativas relevantes que ajudem na complexidade e na visão totalitária do sujeito, para o esclarecimento do fenómeno a interpretar). O que coloca a tónica na objetividade da investigação e faz com que haja uma quantificação dos dados para posteriormente surgir a introdução da subjetividade. Neste sentido a objetividade passa por “estabelecer e estabilizar as concepções e os modelos que poderão e deverão fundar os métodos a usar . . .” (Marques, 2001, p. 99), que por sua vez condicionam a captação da

expressão do sujeito, Marques (2001)

Quando a metodologia é submetida aos parâmetros da objetividade verifica-se que a resposta não tem consistência no tempo e isso deve-se ao próprio processo de investigação que assenta sobre o crescimento mental, que faz com que a narrativa tenha diferentes momentos de apoio na inter-subjetividade, que opera num contínuo que vai do investimento à formação de imagens mentais, via onírica até ao cálculo algébrico, Bion (1963). No entanto a história narrada estende-se pela vida do sujeito e as interpretações que são feitas (i.e., a partir da clivagem, idealização e id. projetiva) têm múltiplas vias de validação por correspondência. A subjetividade do investigador, torna viável a partilha de informação do sujeito que será investigado através da subjetividade de outros investigadores e até infirmar o produto do trabalho interpretativo, Hollway e Jefferson (2000).

Procedimentos de análise

Uma leitura inicial do *corpus* tornou-se essencial para sintetizar as ideias que são fundamentadas nas conceções teóricas que definem o eixo diacrónico de análise, (Bardin, 1977; Hollway & Jefferson, 2000) (Anexo A). Este eixo dá conta da submissão à situação de entrevista que segundo Marques (2001) “. . . condicionam e determinam a expressão do ser . . .” (p. 126) de onde o sujeito surge como figurante *passivo* ou como *ator*, mas também como *argumentista*, é portanto a via do que surge como significante do sujeito que comunica a forma como surgem os conteúdos, na sua especificidade. Para a análise de conteúdo (Bardin, 1977; Hollway & Jefferson, 2000), o material clínico fundamentado na psicanálise é utilizado como material que norteia a sua categorização qualitativa. O eixo sincrónico surge a partir de unidades distintas, captadas pelas temáticas a que reenviam e pelos acontecimentos que suscitam a partir de palavras, frases ou parágrafos. O recorte é feito em função das categorias iniciais, de onde se extraem as intermédias e as finais, Bardin (1977), (Anexo B). Foram encontradas palavras ou frases no texto por forma a identificar os procedimentos categorizados, (Anexo A).

Participante

O sr. I é de nacionalidade Romena, encontra-se na casa dos cinquenta anos, contrai a insuficiência renal à cerca de dez anos, na altura em que se deslocou para Portugal. Desde então é paciente numa clínica de hemodiálise a qual frequenta três vezes por semana, com duração de cinco horas por tratamento. Está desempregado, tem três filhos de maior de idade também emigrantes mas a viverem no estrangeiro, à exceção da filha que se encontra a

estudar no país de origem,. Encontra-se dependente financeiramente da esposa e queixa-se do Sistema Nacional de Saúde e da forma como é tratado nos hospitais públicos. Está atualmente em lista de espera para transplante renal.

DISCUSSÃO

Para a leitura das dificuldades que este doente renal enfrenta no dia-a-dia, optou-se por gerar um eixo de interpretação que assentou na relação entre a facciosidade e a autenticidade, através do conceito de tempo de Martin Heidegger. A perspectiva heideggeriana vai tocar em vários fundamentos da Free Association and Narrative Interview Method, que na sua abordagem holística, considera que a parte vai ser integrada no todo na situação de entrevista. Por outro lado, através do Dasein a preocupação fundamental é jogada nos limites de si, enquanto sujeito que se dá a conhecer em ser-com-os-outros, através daquilo que comunica, na sua extrema possibilidade de ser. Nas possibilidades de compatibilidade com a estrutura teórica de Klein (1937, 1957) e de Bion (1962), o Dasein considera-os para além das potencialidade que têm de acomodar em si outras perspectivas teóricas, mas de serem acomodadas numa visão expandida e desencontrada nessa possibilidade de se constituírem como uma tautologia.

Não se tornou clara a continuidade entre os conceitos dos autores psicanalíticos e o Dasein, mas durante o processo de decomposição não foi fácil optar por determinado movimento ou conceito, tendo de forma substancial dado privilegio às teorias e aos modelos psicanalíticos dos autores vigentes, quando os dados se tornaram salientes dadas as implicação patológicas. O Dasein vai operar sobretudo no desimpedimento como um compasso musical onde há pulso e repouso, mas que se encontra em movimento constante, mesmo quando a organização do sujeito deixa entender alterações do foro psicótico. Entendendo assim duas vias de formação de elementos beta, ou elementos que não são aptos a serem pensados mas evacuados, na facciosidade e; no arrastamento e projeção que surge do movimento de se tornar presente a partir do passado sendo futurista, i.e., na evacuação da sua morte face às consequências desse duplo movimento. Neste sentido o movimento indica que a extração de si enquanto produto da facciosidade contém essa marca distinta e localizada que será jogada no corpo, no outro, na sua infância, na fragilidade de si, na transferência, mas no seu passado, que por sua vez será constitutivo do mundo do sujeito revelando a sua *especificidade*.

Assim, também a tolerância à frustração se relativiza no movimento de se tornar autêntico, onde o tempo é temporalidade e sentimento de si, a função alfa teria que se situar numa área transitória, entre a autenticidade e a facciosidade, no One-self que é a resultante da autenticidade sobre o domínio do One, de que resultam dois movimentos: a desconstrução do self e a sua reconstrução, que resulta da relação entre o interno e o externo, entre o que é interior e o que é exterior. Solucionada a via que se ocupa da formação do pensamento que é feito no ajustamento perceptivo, entende-se a via que leva a que na sobre-determinação do One o sujeito se tenha manifestado no seu desajustamento e será a via que vai permitir ser-com-os-outros, enquanto isso se revelar suficiente para que a identidade surja do colapso da vida do dia-a-dia, permitindo o retorno sobre si e nos relacionamentos que levam a uma recuperação dessa identidade que se manifesta através do apoio, desocupando-se progressivamente em direção ao One, num novo ciclo.

A segmentação do self é feita da sua extração do One, por isso ele contém a marca desse movimento vital em que ser-com-o-outro é ser-com-outros expandindo a sua abordagem no One, que foi publicado à medida que se intrincoou na situação de entrevista. Esta publicação é facilitada se forem usadas questões abertas onde as temáticas surjam na envolvimento da vida do sujeito que terá a tarefa de se reorganizar na situação de entrevista relativamente a si e aos outros, i.e., aos outros de si, criando vias de ligação externas através das ligações internas, em relações de unidades culturalmente aceitáveis, numa temática que gira em torno de “As mil e uma noites - Ali Baba e os quarenta ladrões”, que contém em si uma abordagem inicial face a um movimento mais amplo, desorganizador do sujeito, no movimento certo e faccioso em direção ao One.

No envolvimento institucional, que se encontra sempre presente, é possível no ajustamento ao referencial Kleiniano, entender a perseguição de uma visão Antropológica do sujeito, de acordo com Hollway e Jefferson (2000) e no que a abordagem etnográfica e subjetiva de Hunt (2010) deixa entender. É o ódio institucional que leva o sujeito a um sobre-investimento e na consequente retirada do investimento, desocupando antigas concepções do espaço que habitou, para dar lugar a um entendimento na relação entre o interno e o externo. No processo, deixa a descoberto as angústias que ocorrem na placagem à manifestação de si, como o *casal parental combinado*, pela intrusividade com que se achou, projetando essa intrusão no exterior através de uma aproximação da organização edipiana, dando conta da insuficiência do meio, para colmatar essa falha de si. Essa aproximação é no entanto, a via pela qual alguma restauração se tornou possível.

No modelo da construção social do sujeito de Hollway e Jefferson (2000), o conflito

psíquico tem a sua marca na idealização, enquanto modalidade que oculta o funcionamento latente e que se deixou ver pelas implicações sociais e institucionais, portanto pelo que é moralmente aceitável. No entanto, esta valorização opera uma desvitalização do eu, porque no processo ocorre clivagem. Ela é marcada pela formação do objeto bizarro que opera uma alteração na forma como o sujeito se relaciona com os objetos dos quais retira a sua existencialidade, que juntamente com a idealização do seu passado, terá mediatizado a sua relação com o corpo e com os outros na sobre-determinação do One. Ao conjunto adiciona o retorno a si nessa relação com o One, gerando onipotência no tratamento e no modo de ser.

CONCLUSÃO

A análise teórica da *Free Association and Narrative Interview Method*, deixa entender a coesividade com que os autores se apoiaram na psicanálise para divergir e ampliar o referencial para outros construtos que surgem por analogia, aos procedimentos nativos oriundos das ciências sociais e técnicas de entrevista. Deste modo, a continuidade entre as teorias e os métodos permitem o apoio na epistemologia de onde derivam, fundamentando uma visão mais ampla e coerente das concepções de sujeito. As técnicas delineadas tiveram como fundamento a publicação do *self*, enquanto produto na *construção social do sujeito*, que numa visão restrita permitiram o ajustamento ao todo, que atua como via de repressão da parte, para a distinção das implicações latentes e por isso revelador do que se mostrou como material significativo no ajustamento teórico e na constituição do eixo diacrónico na análise de conteúdo, nas implicações com o todo.

A formação de uma visão coerente dos conteúdos manifestos só se tornou possível na continuidade existencial promovida pelo Dasein, que orientou o sentido da análise da narrativa mesmo quando esta demonstrou ser de uma natureza lacunar, numa visão virtualizante que fez convergir as comunicações do sujeito, nas mudanças de sentido do discurso e na interpretação, quando se tornou necessário o entendimento dos movimentos entre o todo (i.e., o One), que tem como veículo de apoio a dimensão institucional, e o retorno a si, na sua morte da qual se inicia a autenticidade.

Por fim, foi possível discriminar, a partir do volume de informação obtida na entrevista dois eixos sincrónicos, distintos entre si pela natureza institucional ou individual que manifestaram, sendo o eixo sincrónico individual totalmente categorizado.

REFERÊNCIAS

- Ali, S. (2002). *Pensar o somático. Imaginário e patologia*. Lisboa: ISPA. (Obra original publicada em 1987)
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Persona.
- Bion, W. (1977). *Learning from experience*. London: Karnac books. (Original work published in 1962)
- Bion, W. (1991). *Elementos em psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago editora. (Obra original publicada em 1963)
- Bion, W. (1991). *A atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago editora. (Obra original publicada em 1967)
- Brogan, W. (2011, November). The intractable interrelationship of facticity and existence in Heidegger's Being and Time. Presentation of *fall 2011 lecture series*. Washington, D.C. : The Catholic University of America. Retrieved from <http://philosophy.cua.edu>
- Dias, C. (2004). *Costurando as linhas da patologia borderland*. Lisboa: Climepsi editores.
- Dias, C. (1997). *Tabela para uma nebulosa*. Lisboa: Fim de século edições.
- Freud, S. (1961). Splitting of the ego in the defensive process. In J. Strachey (Ed. And Trans.), *The standard edition of the works of Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 271-278). London: Hogarth Press. (Original work published in 1938)
- Green, A. (2000). *As cadeias de Eros*. Lisboa: Climepsi editores. (Obra original publicada em 1997)
- Heidegger, M. (1962). *Being and time*. Oxford: Blackwell. (Obra original publicada em 1927)
- Hollway, W. & Featherstone, B. (1997). *Mothering and ambivalence*. London and New York: Routledge.
- Hollway, W. & Jefferson, T. (2000). *Doing qualitative research differently. Free association, narrative and the interview method*. London: Sage.
- Hunt, J. C. (2010). *Seven shots. An NYPD raid on a terrorist cell and its aftermath*. Chicago and London: The University of Chicago Press.
- Klein, M. (1945). El complejo de edipo a la luz de ls ansiedades tempranas: Psicolibro.
- Klein, M. (1984). *Envy and Gratitude and Other Works 1946-1963*. London: The Hogarth Press (Original work published in 1937)
- Klein, M. (1988). *Love, guilt and reparation: And other works 1921-1945*. London: Virago. (Original work published in 1957)
- Marques, E. (2001). *A psicologia clínica e o Rorschach*. Climepsi editores. (Obra original

publicada em 1999)

Monk, G., Winslade, J., Crocket, K., & Epston, D. (1997). Narrative therapy in practice: The archaeology of hope. *Journal community applied social psychology, 11*, 319-327.

doi:10.1002/casp.609

Steiner, J. (2005). The equilibrium between the paranoid-schizoid and the depressive positions. In E. B. Spillius, R. Anderson, H. Segal (Eds), *Clinical lectures on Klein and Bion* (pp. 45-56). London and New York: Routledge.

Anexo A

Eixo diacrónico

Como a doença e o tratamento vieram alterar a sua vida?

Há muitas coisas, há um impedimento, (1)a língua não é? Eu sou portanto, tenho que falar português não é? A segunda coisa, o que me aconteceu nesta coisa, cheguei neste ponto, se vou comentar vocês vão ficar espantados. Comecei do mal ao pior e passei em vários degraus ... do pior ao pior ... E se for dizer agora na sua entrevista que ... o Dr. A e o Dr. B (2)deram cabo de um rim, do meu rim, numa operação que foi mal feita e mandaram-me para Faro, cheguei lá um outro médico diz-me:

- Quem te fez esta operação? Deram cabo do teu rim!

1. A entrevista começa na relação com os objetos, que não podem ser transcritos pela ausência de conexão na relação, o que leva a uma primeira tentativa de um rearranjo da narrativa, por forma a que esses conteúdos se tornem conscientes e portanto segue uma sequencia temporal de carácter cronológico que o fixa no tempo atual através do que pode ser dito e contido. O entravamento do discurso vem dar conta do vazio que passa a conter o outro, manifestando uma preocupação corporal que se relaciona com a doença prolongada definindo o “quê”. A ancoragem à realidade foi possível pela concretude da falha, *que deixou ver o One-self*, através de personagens que são espiadores da culpa enquanto o self é produto na sobre-determinação do One. Na viragem para si, não poderia deixar de arrastar essa falha de si com-outras, que é onde procura a reparação do interior do corpo.

E se for dizer agora que o segundo enfarte foi provocado por causa de um médico ... que (2)mandou pôr uma algália e por causa de uma ... enfermeira, que não desistiu de por a algália ... você sabe, com dores e coisas dessas e eu já tinha tido um (2)enfarte seis meses antes, digo-lhe:

- O mulher está a doer e estás ... estou a sentir-me mal e estás-me a massacrar, o que é que estás a fazer? E gritava e coisas dessas. Cinco minutos não, cinco minutos é muito, ele desistiu depois dos meus gritos, estava a suar ... e a gritar de dores e coisas dessas, três minutos depois deu-me o segundo (2)enfarte, que foi avaliado agora pelo médico o Dr. C e foi vinte vezes pior que o primeiro, afetou-me toda a parte esquerda do coração. Tratamentos? (3)Estes são tratamentos do hospital, o que é que eu posso dizer? Eu não posso dizer nada

estas a perceber!? Porque naquela altura não sabia qual era a coisa, mas quando comecei a saber já era tarde ... e mais, o (2)primeiro enfarte foi lá.

2. O discurso prossegue através do movimento em que ser-se é no agora, através do arrastamento de acumulação de vivências corporais intrusivas, numa dinâmica que se assemelha ao *casal parental combinado*. É o sofrimento do interior do copo que vem colmatar a falha na relação, que leva à perplexidade e ao entravamento do discurso. Assiste-se a um recuar face à imago feminina e um movimento reparador face à imago masculina. A dramatização vem pautar a forma como lida com o sofrimento corporal. Esta abordagem do corpo não deixa que o mundo seja construído com base em referências seguras e pela alteração do modo de ser, o traço prolonga-se nos objetos, portanto na forma como se vai reconectar. É nesta relação em que, aquilo que se torna interno através do que se tornou externo, que surge o dano na referência ao corpo.

E começando no início, sabe como contrai a minha doença cá em Portugal? Não tenho antecedentes familiares. Cheguei cá fui lá para Odiáxere para uma *empresa*, (6)não havia água, havia uma conduta de água industrial que vinha daquela fábrica de mármore para agente beber e lavar. Durante três meses bebi aquela (2)água cheia de cálcio, ninguém sabia, e eu por acaso com uns rins mais sensíveis (2)acumularam cálcio e pedras e fiquei com esta doença dalém. Depois de três meses quando começaram as queixas ... daquela água ... estava calor, estava faça contas quarenta graus de ... durante o verão ... bebi, toda a gente bebia quatro ou cinco litros ou mais daquela água por dia, durante três meses (2)acumulamos todos cálcio na ... nos rins. Nenhum se queixou, mas quando começaram as queixas trocaram as águas, trocaram, fecharam aquela conduta e trouxeram em bidões daqueles de cinquenta litros, água de Monchique, depois de três meses. Daqui começou tudo, durante dois anos dei entrada no Hospital do Barlavento, acho que duzentas ou trezentas vezes, dia sim dia não, dois dias em casa com (2)dor nos rins. Era só um soro na veia, para casa não tens nada. E eu não podia ficar de pé, como quando começam as dores, caía para o chão. Dores tão fortes que não podia ficar de pé. Pronto foi lá, ninguém tratou disto, (2)a doença avançou, as pedras ... (2)infecção renal e coisas destas. Quando fui lá para o hospital já era muito tarde, os meus rins estavam afetados. “Tás” a ver? Era muito tarde, se for do início ... fui lá e fizeram-me um (5)raio-x e as pedras estavam lá, no rim esquerdo, as pedras estavam lá ... estavam lá, no rim esquerdo acumulação de cálculos renais, no rim direito um cálculo de onze milímetros, deste tamanho, do tamanho de uma unha. E não fizeram nada, mandaram-me para casa e esta lá tudo no

hospital, ainda esta lá porque há arquivos, não foram destruídos, foram dois anos o que não é muito, ou sei lá, estas a perceber as coisas como são? O que é que eu posso dizer, cheguei nesta coisa. (6)Agora na hemodiálise estão a tratar bem de mim, de modo que estão a cuidar, sendo particulares estão a cuidar, para eu ficar vivo porque se falho uma sessão já ... quatro ou cinco dias já eu, isso é outra coisa ... a ajuda médica que tive cá não foi ajuda médica, foi uma coisa de ... - Faz alguma coisa, (6)dá-lhe um comprimido e manda-o para casa. Naquela altura eu não sabia falar, nunca estive lá para tomar soro ou tomar uma vacina ou uma coisa destas, eu não sabia como era o interior de um hospital, aprendi aqui numa (12)situação de desgraça, não é? É assim a vida estás a perceber?

3. O discurso vai-se iniciar novamente de um desimpedimento, através do questionar, na ausência, portanto de um movimento progrediente, não deixando de se influenciar pelas implicações no (des)ajustamento e no movimento que o leva do que é passado ao agora e na certeza dessa passagem. A subordinação da sobre-determinação do One, terá ameaçado os fundamentos de si e operado de acordo com essa ausência de si. O discurso prossegue em antecipação, em função do One-self, os aspetos relacionais vão dar conta da viragem para si. A emergência da doença renal vai marcar profundamente uma alteração na relação entre o geral e o particular, assinalando a submissão aos procedimentos médicos. A clivagem opera sobre duas instituições, refazendo-se o todo em duas partes distintas com idealização de um serviço que contém a morte do sujeito na sua existencialidade. A clivagem do eu tornara-se clara na distinção entre a “água com cálcio” e a “água de Monchique”, com formação do objeto bizarro.

E agora o que é que eu faço? Não posso fazer nada! Não posso mexer na ... depois tive aquela desgraça, (2)parti a perna a trabalhar, trabalhei, o patrão que era o dono daquela obra, daquela coisa, teve azar. Eu estava com a perna partida, ele foi para o hospital em Lisboa e morreu lá, naquele hospital. Um ... grande azar, (2)parti a perna e não recebi o dinheiro e o processo também não avançou para o seguro para eu receber alguma coisa, nada disto, fiquei com a perna partida, durante quatro ou cinco meses (13)andei de muletas, dois anos depois uma ambulância atropelou-me e eu ... Há quatro ou cinco meses atrás, no verão, em julho deste ano, uma ambulância atropelou-me, a mim e ao H, meu amigo, pôs os dois para o chão e eu (2)parti o fémur. Fui la para o Hospital do Barlavento durante seis dias, sabes qual foi o tratamento que levei lá? Paracetamol, dois comprimidos de paracetamol ... (3)ate pedi alta para sair de lá. Entrei em (7)conflito com o médico, (7)aquele medico parece um homem do

talho, não tem nada a ver com a medicina. Aquele medico que lhe estava a dizer o Dr. D, veio ao pé de mim e disse-me:

- Tu tens de ter aí um (14)aparelho para esticar a perna, para a perna ficar esticada o tempo todo!

- Pronto estou de acordo.

Um dia, dois dias, três dias, começou a dar cabo, a perna não me doía (na zona da fratura), doía-me o joelho e o tornozelo.

- Então o que é que se passa?

- Esta-me a doer e é uma dor insuportável, isto vai dar cabo da perna toda. A perna está partida aqui, não tem nada a ver com o joelho ou com o tornozelo e diz:

- Não, é assim que deve ser, três quilos de peso para ter a (14)perna esticada.

- Vocês não percebem bem do que eu estou a falar, se calhar esta coisa de entendimento um com outro, doí-me insuportável, o joelho e o tornozelo, não tem a ver com isto ... ai não há nada, onde esta partido? O osso foi fraturado, chamei a enfermeira. (7)Tira isto daqui senão vou tirar eu, não posso suportar ... Mas depois ele viu que eu tirei aquela coisa, mas também ele deixou indicação à enfermeira.

- Veja la que não vai suportar, tira-lhe aquilo. E foi assim, ele deixou indicação a enfermeira.

Sim porque e depois quando me tirou aquilo!

- Bom de qualquer maneira não vai suportar ainda isto.

No dia seguinte chegou lá e viu, disse:

- Então tiras-te isto?

- sim claro, que não podia suportar, doía-me o joelho.

E ele diz assim:

- (7)Vou dar cabo da tua vida vais ver, afinal querias prótese, vais ver o que vou fazer contigo!

- Então assim você está a dizer-me o que vai acontecer ...

E tive uma visão assim: eu la no bloco operatório, ele (10)com a faca mexendo por aqui, o que ele vai mexer não sei, espera ai:

- Não continuamos daqui para a frente, agente não continua, vou pedir alta e mais nada.

Pedi no mesmo dia e sai.

4. O discurso inicia-se novamente pelo questionar, desocupando “a área pré-conceptual” pela excisão da parte má do objeto. Surge um movimento progrediente que leva a que o dano seja transposto no agora, para o corpo, que contém e mantém a falha na organização do discurso. O conflito será jogado depois, na dramatização, o que ocorre é a neutralização do

outro através do idêntico, num cenário de destruição e de morte. A repetição quase simultânea de dois acontecimentos que são danosos dá a entender operar sob influencia da tela β , que se iniciou nos acontecimentos que impõem stress corporal e na dinâmica relacional. É aqui que o retorno a si se torna dificultado, a apreensão do sujeito de forma holística terá que contemporizar estes aspetos por forma a se tornar parte integrante do funcionamento mental sem que o todo venha reclamar a parte, que não é mais do que a parte danificada do todo, na expiação do sujeito pelo todo. Os elementos beta na sua conjugação fazem emergir significados pelas ligações que surgem na dramatização. O colapso do self-diurno não ocorre, é no movimento de se tornar consciente que a ligação estabelece uma correção do One-self num movimento projetivo que indicia uma reconstrução do seu futuro, tornando-se pela formação de elementos que de forma progrediente, seriam depositados nesse passado que se torna futuro, na relação que os torna passado, para nova relação. As partes constituintes do conflito são jogadas através da dramatização, que termina pela mentalização da morte, que fez inaugurar a via onírica, ainda que de forma breve. No entanto a reparação do self operou do indivisível da cronicidade à possibilidade de reparação, mas sempre em referencia ao interior do corpo, num saber de si na relação com o todo e para o todo. A clivagem do eu é menos pronunciada e a referência à morte encontra-se na morte existencial de si face aos outros.

(6)Depois de seis dias e seis noites lá no Hospital do Barlavento, dois comprimidos de paracetamol ... há sim chegarão os custos de ambulância dalém para cá. Sorte a minha que daqui da Cruz Vermelha não paguei nada. Entreguei um papel, vamos lá ver agora se a seguradora vai pagar o transporte de ambulância de além. Porque eu pedi a ambulância dos Bombeiros de Lagoa, (10)aqueles que me atropelaram não são obrigados para me transportarem de lá. Pedi ajuda á Cruz Vermelha e eles disseram-me:

- Logo á noite, às oito e meia nove horas estamos lá e vais connosco, (9)mas tens de pagar o transporte.

- Vou pagar, não há problema. Chegou a carta ali da Cruz Vermelha, eu tinha uma carta da seguradora deles, fui lá e entreguei estas duas cartas, olhe:

- Vocês querem que eu pague, mas eu tenho uma carta que eles assumem com por cento, entrem em contacto com eles e vejam la se eles pagam, (9)para eu não pagar, se eles não pagam!...

E eu já assumi à frente daquela moça da central, na alameda. Eu já assumi que se eles não pagam vou pagar eu. E afinal de tudo, aquele motorista que atropelou a gente ... vai ficar impune:

- O homem está bem na vida, anda e coisas destas.

Sabe que eu estava até aqui debaixo daquela ambulância e (10)vi aquela roda do lado direito a trás como avançava ... e parou aqui, na frente da minha cara.

E é assim, são coisas que acontecem e não vem ajuda de nenhum lado e a vida é assim.

(11)Como sou estrangeiro, se calhar um português desenrascava-se mais. O H não teve nada, o H é português. Estou a dar este exemplo, (17)sou muito amigo dele e não estou com ciumes nem nada disso, um exemplo do tratamento. O H sendo português foi lá, foi visto pelo médico, o mesmo médico que viu a minha fratura, fomos os dois, a consulta durou três minutos ... comigo tal ... o que aconteceu ... tal, ele também tal, tal.

- O ombro esta pronto, tu vais para o (5)raio-x, tu alta durante três meses e meio.

Tive alta dalém, cem por cento de incapacidade, a (13)andar de muletas ... Fui lá de quatro em quatro semanas, no inicio três em três, depois ... depois de três meses e meio o H recebeu alta, com ida a fisioterapia marcada. (12)A mim deram alta para ir trabalhar, de um dia para o outro. Incapacidade a cem por cento, no dia a seguir, hora a seguir:

- (11)Amanha vais trabalhar, cem por cento capacitado.

E eu ainda não posso andar rápido na rua, (13)ando devagar. E eu não posso dormir bem, porque está a doer deste lado, durmo só deste lado e do lado direito. (13)Não posso flexionar as pernas, não sei como vou por azulejos no chão, estar de joelhos assim, mas (12)flexionar as pernas até baixo e trabalhar não se pode, porque me está a doer. Falei com o médico ópa! Aquele de ossos e de coisas dessas, ele disse-me:

- Epá, tiveste uma grande sorte, se a fratura estivesse um pouco desviada e se o (5)osso secciona-se a artéria, já não chegava vinte minutos. Porque esta artéria femoral que está aqui junto com este osso, se o osso secciona-se esta artéria, uns três, quatro minutos de vida, mais nada. Tivemos sorte porque o osso partiu-se e ficou no lugar. E este osso tem (5)irrigação de vasos sanguíneos, que mesmo não sendo uma artéria e a fratura sendo aberta! Perdeste tanto sangue que nem imaginas, (10)se calhar morres lá em baixo e ninguém te salva.

Não enviaram mais nenhuma carta dalém, desde que me deram alta há um mês e meio ...

(12)mandaram-me trabalhar e a seguradora não mandou nenhuma carta.

- O que é que vai fazer comigo, vou para fazer algum (14)tratamento de fisioterapia, recuperação ou coisas dessas?

(11)Nada disso, contactei o advogado, tenho uma senhora advogada e agora estou á espera para ela avançar com o processo com a seguradora. Para quem não sei, mas tem de avançar porque eu assim ... eu ando não é? (3)mas chego num ponto que bato numa parede, mais para a frente não se pode andar, não há maneira de andar. Pelo menos vou ver se ... se eles vão

mandar uma carta para dizer alguma coisa, para me pôr na (14)fisioterapia ou numa coisa de recuperação, para me ver outro médico. Não vejo como o médico que é médico da seguradora e faz serviço ai, esta a tratar de tudo ... porque eu vi, não fui só eu. Durante três meses e meio lá, (6)quando fazia as consultas, havia lá mais gente, (5)com mãos partidas, com pernas partidas, com coisas destas. E está a (14)tratar de tanta gente, com tanta ... uma consulta, entras lá:

- Sente-se se faz favor.
- Está bem?
- Então como foi, como passou?
- Passei bem, passei bem, mais ou menos, está a doer está...
- Pronto mais três semanas de ... e logo se vê, falamos depois está bem?

5. Neste movimento que é despersonalizado, os objetos ganham vitalidade e é na sobre-determinação do One que o retorno a si tem o seu custo. Aqui é a falha no One que vem causar uma sobre-determinação de si na ausência de responsabilidade da falha corporal, característica do encobrimento da doença crónica. A introdução de novas personagens, impõe que a dramatização surja, num ir e vir que não torna possível a reparação do self, na ausência de culpa, que faz operar a clivagem entre o bom e o mau objeto. A culpa é tornada exterior, a facciosidade apoia-se num objeto que se torna persecutório. O absoluto retorno a si, na ausência da segurança do One, leva a que surja uma estranheza que o desloca na sua identidade face a uma ameaça de despersonalização. É no apoio no outro, que é possível a presença do bom objeto e a partir daqui o movimento de desconstrução passa a incidir sobre si. O outro vai prosseguir na fase oposta de uma vivência árdua, desconfortável, que viria a pesar sobre o seu corpo, na submissão e na dor, nas quais a culpa encontra expressão. Surge novamente a dramatização da relação, que desta vez vem determinar a finitude *do self*. A recuperação das qualidades dos objetos só se dá no termino do movimento de antecipação, que o recoloca novamente face a si, na impossibilidade de se desocupar da pressão do One. Esta recuperação é feita na excisão de partes de si, num movimento progrediente lentificado, aborrecido, que surge através de representações relacionais insuficientes.

Isto demora dois minutos, três minutos é muito?! O tempo de consulta, com uma (2)perna partida, isto é toda a consulta com o médica da seguradora. Mas também, (3)não sei a que ponto chegou o Sistema Nacional de Saúde, mas este não é ... (18)é o pior que pode existir, deixar assim. (15)Ao contrario dos particulares, a clínica de hemodiálise é particular. Então

fizeram cortes, coisas destas, cortaram naquilo, cortarão naquilo, (15)mas o serviço ainda é impecável, não se pode dizer nada é impecável! Doutores, enfermeiros, todo o pessoal de além, tudo é impecável, particular. Cada sessão de tratamento elas recebem, cobram, cobram ao estado português não é? Mas são impecáveis. (18)Aqui tudo o que é do estado acabou-se, está muito mal, muito mal e não sabem se vai ficar pior. Mas a culpa não é dos desgraçados dos portugueses que (8)pagam taxas e impostos, a culpa é lá de cima, dalém, (18)do governo. De cada ano encontram-se (18)formas de acabar com isto, vão acabar, em curto tempo, se vão continuar assim vão acabar totalmente, (8)quem vai ter dinheiro vai escapar com vida, quem não tem dinheiro vai acabar na rua! Acaba-se já esta coisa, já é ultrapassada e a vida é assim, quem vai ganhar são os médicos que vão ter consultórios e vão tratar só ... chegas lá, bates na porta, (8)com cem euros em cima da mesa -trata de mim. Vai-te dar uma consulta, vai-te dar uma receita, senão não entras e ficas lá a morrer, o Sistema Nacional de Saúde trata de ti desta maneira. Chegaste aqui, dói-te o quê? Tens a perna partida, (3)(6)toma um comprimido de paracetamol e vai para casa que não tens nada ... (7)não sou eu mais recomendado para dar esta entrevista, a vida é assim, (7)você está agarrado à faculdade de psicologia? (16)O quê? (16)Clínica, psicologia clínica?! Isto significa psicologue de ...(16)a fazer serviço lá no hospital? ... à sim, a ajudar psicologicamente as pessoas ... (16)sabe porque é que eu perguntei? É que (17)a minha filha está a estudar psicologia na Roménia e por isso perguntei para saber se vocês têm a mesma formação, um ramo da psicologia infantil, (15)vai ser psicóloga numa escola, numa ... para dar (17)ajuda psicológica aos alunos que andam na escola. Por isso acho que é a mesma coisa, é a mesma matéria sobre estes assuntos de, que eu não ... é isso. É assim a vida!

6. O tempo cronológico vem indicar o momento factual, em que o apoio não constitui, não podendo constituir, uma absorção das qualidades intrínsecas dos objetos, no entanto a “perna partida” dá conta da dimensão edipiana no relacionamento, como membro dessexualizado pela dor que provocou e que agora surge como moeda de troca, que numa breve alusão a Klein significa que a abstração não surge a desimpedir a falha relacional. Como consequência o binómio empobrecimento/idealização marca a caracterização ao Sistema Nacional de Saúde, insuficiente face a uma vertente privada que ganha ímpeto. A visão monocular viria focar a parte empobrecida do self, numa visão mais geral, no relacionamento com o One, através de uma sub-valorização das condições de vida dos portugueses na situação de aperto económico, marcando então a posição depressiva. A referencia cronológica vem novamente marcar a facciosidade com que o One é abordado, a certeza e a segurança põem novamente

acento no impessoal, gerando a clivagem e o isolamento com expulsão de conteúdos. A auto-referencia é feito no vazio de si, encontrando um meio insuficiente para nova passagem. Vai surgir o objeto de anáclise, a ausência de investimento vem agora na procura do outro da relação, enquanto face de si mesmo, no seu vazio. Se o desinvestimento operou no One-self, o retorno ao investimento é feito na exaustividade do desimpedimento, gerando uma ligação de carácter afetiva de relevo da sua vida mental. É no surgimento desta representação, a sua filha, que a afetividade depressiva vai encontrar uma via de ligação.

Pode continuar, não me falou da sua vida afetiva, é casado?

- Sim sou casado, (17)a minha mulher está aqui comigo ... ela está a trabalhar e eu também estive a trabalhar até esta crise começar. Mas desde que começou esta crise, desde três, quatro anos para cá, já não encontro mais trabalho. (4)Encontro mas coisas pequenas, coisas de ... que às vezes não vale a pena ir trabalhar porque (8)não ganhas quase nada, se vais pintar um quarto de um apartamento ou de uma vivenda não é? (18)Como agente agora está em crise e vai pedir por um dia de trabalho (8)quarenta euros, porque um quarto ... só pintura assim, entras no quarto, comesas a tirar as coisas porque às vezes eles não tiram, não é? (4)Tens de tapar, comesas a fazer as reparações, porque à buraquinhos, há coisas ... tens de reparar aquilo, dás a primeira de mão, depois comesas outra vez a ver se começam mais coisas mais ... assim para tapar e reparar, deixas secar entre meia hora, uma hora e comesas ... isto são (12)sete, oito horas de trabalho seguidas.

- Pronto olha quarenta euros.

E chegas ao final do dia para o homem te olhar de lado,

- Parece-me muito!

Não há, (18)não há condição de trabalho agora em Portugal. O povo não tem dinheiro, não pode investir, (8)não pode gastar, porque não chega de um mês para o outro, por isso (4)o meu trabalho é noventa e nove por cento acabado, (12)no verão ainda se trabalha mais, estive a (4)trabalhar hoje, mas o azar outra vez entrou na minha vida, (2)parti a perna na sexta feira, aconteceu aquela desgraça e sábado de manhã era para ir lá na praia da luz e (4)começar a trabalhar, começar a fazer um serviço a uma senhora romena, casada com um português que vive lá na praia da luz, para fazer um muro de vedação além de ... atrás da vivenda, construir o muro, rebocar, pintar e fazer para a vinha. Porque ela tem uma vinha, além umas coisas ... para fazer um suporte metálico, soldar uns tubos de ferro assim, para fazer um suporte para a vinha subir assim e ficar. (2)Parti a perna na sexta e acabou-se aquele serviço. Serviço que me dava um (8)bocadinho de dinheiro para ... para continuar a viver mais ou menos, (3)são

coisas destas.

7. Na sequencia do desligamento e na impossibilidade de passagem a outro registo, surge a intervenção. Nesta altura algum grau de sublimação ocorre, este movimento progrediente dá conta da capacidade de produzir elementos suscetíveis de serem jogados nas relações futuras, a componente cognitiva e afetiva acentua a produção da narrativa que se direciona para a descrição de tarefas laborais, na relação de causalidade que vai da minuciosidade ao surgimento de implicações na sobre-determinação do One. A passagem da posição esquizo-paranoide à posição depressiva vem iniciar a extração de si da face aniquiladora do One. Os atores que se seguem tem pouca relevância efetiva na sua vida do dia-à-dia e mesmo o trabalho escasseia nesta falha de si nos outros (eg., os políticos), os que possibilitam a existencialidade, o desenvolvimento do discurso e a escuta poética nesta projeção que se afasta de si e dos outros, mas que se envolve nos outros, na chamada silenciosa.

E para além do trabalho que outras atividades tem?

- Nenhuma, não faço mesmo nada, a única atividade que faço é (17)sair com os amigos ai no café. Passo a rua deste lado para aquele lado, o café que está aqui à frente.
- Já é familiar?
- Pois é essa não há outra.
- E o relacionamento com os seus amigos?
- Tá tudo bem, tá tudo bem, está tudo em ordem. Tenho estes meus amigos que (17)são bons amigos, às vezes ajudamos uns com os outros ... na é, é como se faz, (15)são romenos e são boas pessoas é por isso que estou contente. Mas o resto, a vida aqui em Portugal, dez anos, (18)dez anos atrás ainda era atrativa, era. Toda a gente (4)tinha trabalho, toda a gente ganhava a vida dele, toda a gente não, não. Gente não tinha aquele, aquele peso, aquela coisa de pensar sempre no dia de amanhã, pensar (18)o que é que eu vou fazer amanhã. Não, dias vinham a seguir uma da outra, (4)trabalho, descansar, chega-se ao fim do mês recibes o teu, (8)pagas o que tu tens, casa, água ... (8)sobra dinheiro, vais para as compras, vais para coisas, tens uma vida estável, uma vida que não tens de pensar o que vai acontecer amanhã, quando (8)não vou ter dinheiro para comprar um garrafão de água. Mas já há cinco ou seis anos (18)começou a fechar a torneira, como se diz e já à três ou quatro anos para cá, desde que entramos nesta governação, estou extremamente (3)descontente com esta governação e ninguém não faz nada aqui no Portugal. Até estive a falar há uns dias atrás com (17)os meus amigos, além da hemodiálise, mesmo e no meu entender, mesmo ... a televisão, o (18)RTP está um bocadinho.

Não é um bocadinho, está bem orientada (7)a favor deles. Em outras televisões internacionais, não estou a falar nas televisões de Portugal, os outros também não mostraram nada, as televisões estão a mostrar o (18)descontentamento das populações nestes tempos de crise, em países como a Itália ou Grécia, semana passada foram (18)coisas impressionantes lá na Milano, na abertura da, na ... da escala de Milano da, da sessão de abertura da (20)opera de Milano. Tiveram (7)confrontos entre manifestantes, contra a (18)austeridade da Itália, com a policia. Mas manifestantes daqueles que (2)ficaram feridos, as listas, chegara a, sei lá! (7)Confrontos uns com os outros e no dia anterior duzentos lá na Grécia (7)foram detidos ... na rua, também (7)confrontos com a policia, pegaram fogo e coisas dessas. Coisa destas não se mostram em Portugal, porque os portugueses, (18)o governo está a proteger-se. Como está lá! Não mostram isto, se calhar têm medo, os portugueses vão sair à rua e (3)vão bater na cabeça. Não sei (11)como aguentam os portugueses, (18)toda esta austeridade. Caiu em cima já há três anos e nunca mais acaba. (4)Sem ter trabalho e mais importante, sem dar trabalho.

8. Após renovação da intervenção, o surgimento do One-self vem dar conta de preocupações gerais, numa visão empobrecedora da vida na relação com o One (e.g., o peso da vida), do que é passado ao que se torna presente o discurso é feito em antecipação ao insucesso desta relação que se tece no agora, no movimento de se tornar autentico, que corre à sua frente destituindo-se de um passado que idealizou. O dia-a-dia dá lugar a uma visão mediática do mundo, portanto na ausência de subjetividade, onde encontra o impasse. Impasse ultrapassado pela emergência do conflito que se iniciou da preocupação existencial e no estabelecimento de um vinculo afetivo (O), na relação com o One.

Agora você sabe que ai no café noventa por cento dos homens que passam por aqui (4)não têm trabalho. Os homens, (4)as mulheres ainda encontram e ao contrario de (18)há dez anos atrás. Dez anos atrás as mulheres não tinham trabalho e os homens trabalhavam todos, agora os homens estão em casa e as mulheres a trabalhar. E o (8)sustento da família chegou a ser a mulher que ganha, nunca ganha mais do que (11)quinhentos e cinquenta, seiscentos euros, em qualquer serviço ela vai, não ganha como um homem. (11)Não pode ganhar como um homem porque é a lei portuguesa que não deixa. E as mulheres com quinhentos euros, (17)não é só a minha, a minha está aqui a trabalhar e está a (3)sustentar a família, toda! Eu e a (17)filha que está lá na Roménia que ainda está a estudar, porque está a preparar o mestrado e coisas destas e (8)tudo com quinhentos euros, porque (4)eu não encontro trabalho, é possível? Não é possível! (3)E ninguém não mexe uma palha, uma palha ninguém não mexe, ninguém. Tá a

mostrar que a (18)vida está boa aqui nas televisões ... eu fico, (3)fico revoltado às vezes. Aquela que eles estão a mostrar na televisão (18)não é nada a vida dos portugueses, não tem nada a ver com a vida dos portugueses, (8)toda esta miséria do qual não se sai mais. Não se mexe em nada, (8)tanto dinheiro que eles receberam da comunidade europeia para tapar os buracos, para pôr lá, para fazer alguma coisa, parece que desapareceu tudo e ninguém sabe contar onde foi aquele dinheiro, o que é que fez com aquele dinheiro. (4)Tanta gente na rua que está a perguntar pelo trabalho. Está a perguntar, está a pensar, está a ler todos os dias no jornal (4)se encontra alguma coisa para trabalhar, ninguém não encontra porque ninguém não mexe. Quem mexe no dinheiro são os bancos e ficam com os lucros e emprestam o dinheiro aos ricos, esta é a verdade, (8)a mim não me emprestam dinheiro para fazer nada, mesmo se for, se tiver uma empresa de sucesso, a mim (7)os olhos dos banqueiros estão assim:

- (7)Aquele gajo tem uma empresa, vamos lá ver se a empresa anda bem!

- Sim eu sou cliente, a empresa anda.

-(7)Então o gajo é algum filhos dos nossos amigos?

-Não!

- Então vamos lá ver (7)como agente vai ficar com o dinheiro daquele gajo.

E ficam! Quem, a quem não se troca são (17)os filhos, os netos, os primos, os irmãos daqueles que estão lá a governar este país. Naqueles não se toca, aquele vai lá no banco pede três milhões e não devolve. E aquele é um empresário de sucesso e está no início e (8)está a pedir um empréstimo, (11)chega a dar até a empresa para lhe darem aquele empréstimo. É assim a vida, é injusto, é injusta neste ponto de vista, há lá no, sei lá, no governo, na administração municipal, em todo o lado há, há (18)uma camada de, de governantes, que estão, eles estão lá e estes estão em baixo nunca vão ter acesso lá, estão a sofrer e aqueles estão a viver, (18)o mundo é dividido assim. E ninguém pode fazer nada, nisto e não vão fazer, (18)porque toda a gente está a pensar que está calmo assim para o ano, o que podemos fazer, (20)para o ano se calhar vai melhorar, não é. Eu sou ... (20)eu estou a pensar positivo, agora como vi nestes ... nestes acontecimentos, (18)nestas noticias internacionais, que a comunidade europeia, o nosso Junker, o novo presidente da comunidade europeia, vai avançar com um montante de muito dinheiro, trezentos e quinze mil milhões, é muito, é inimaginável, aquele dinheiro, vai avançar com aquele dinheiro para o verão do ano que vem, (20)para os países, para ajudar os países a sair da crise. Vamos esperar para ver, (20)até julho temos que aguentar, temos que ... (16)temos que viver como estamos não é? Porque não há maneira de viver de outra maneira. Não é ... é isso. Outra coisa, você pode também perguntar, (16)o que é que eu faço, sou só eu?

9. A atividade sublimatório surge a subentender a necessidade real de meio de provisão, sendo a sua esposa quem provém de forma estável e da qual se mantém dependente. Da falha do self por extração do self-diurno à falha no One, as implicações são excessivas. A falha de si que é a falha do self a partir do qual deixou a sua marca no One, vem agora dar conta do desligamento, num discurso paranoide (e.g., vamos lá ver como agente vai ficar com o dinheiro daquele gajo), não deixando de manifestar o carácter dependente da envolvente que surge no conflito inter-subjetivo. A clivagem é menos acentuada, a visão do mundo que constrói entre os mais e os menos afortunados, gera ambivalência. A trama vai encontrar uma tendência à onnipotência através de uma personagem unificadora com valência positiva (e.g., o nosso Junker) que o congela em antecipação.

No plano afetivo, o que a sua doença e tratamento vieram alterar?

No plano afetivo ... eu tenho(17) três filhos e estou muito ligado a eles, tenho duas filhas e um filho. Todos os três já são crescidos, são maiores de idade e (4)já fazem a vida deles. Aquela que ... a minha primeira filha que tem trinta anos, está casada, escapei como se diz! Está casada, tem a vida dela e está bem orientada na vida. A outra que acabou a faculdade de psicologia lá na Roménia, ainda está lá na Roménia e está a tratar das coisas de além né, ver o que vai ser, ainda está a tirar o mestrado e coisas dessas ... sei lá o que ela faz, ela faz. (15)Aquela foi boa de ... de ir à escola ... boa, boa, ninguém não incentivou aquilo, aquela criança para ler, ou para ... foi andando na escola aprendendo, ela quis ter educação e (15)como se ajuda aquela pequenina que foi? Ele conseguiu este e agora (4)vai conseguir muito mais na vida, porque ela é um (7)bocadinho teimosa assim e gosta desta coisa. E o meu filho está lá na França agora, o que é que eu faço, está a perceber? Estou aqui com a minha mulher e agente os dois tentamos sobreviver de um dia para o outro, porque não há ... já há muito tempo que agente não sai para (20)jantar fora, porque não podemos. Há estou a mentir, o ano passado foi o dia (17)deste amigo que estava aqui connosco e convidou lá num restaurante para ... para o aniversário dele. Pronto, mas assim não, não.

10. Após a intervenção a mudança de registo torna-se possível e vem dar conta das possibilidades de reparação das frustrações precoces, através da reversão de papéis. Esta dinâmica que se mantém inconsciente integra a autenticidade, ela permite entender o jogo existencial na organização edipiana, em que as pressões sexuais são muito intensas e projetar o conflito edipiano na situação atual, através da abstração do casal parental assimilado ao

desimpedimento da carga emocional com características persecutórias.

Agora! Neste, para ver se (14)vou ser transplantado. (5)Tenho uma consulta mesmo para a semana, terça-feira lá no hospital para ver se encontro um hospital (14)para me transplantar. Porque, também com estas coisas do transplante (7)estou a fugir da gente como você nem imagina. Eu tive, chamaram (14)para ser transplantado, por causa dos (10)meus enfartes que aconteceram há oito anos atrás, nove anos atrás, não me transplantaram. Eu fui chamado de Portimão, fui lá ao Hospital Garcia da Horta, no tempo previsto, aquelas duas horas desde fazer uma chamada ... chegou o táxi foi lá, em duas horas e meia cheguei lá. (5)E estivemos a falar até às três da madrugada.

- Como é que é, como vão fazer?

Estive a fazer tudo o que devia ser feito, (5)tirar sangue, (14)preparar-me para ir ao bloco operatório, mas não entrei, porque chegou lá a médica que ia operar, com aquele processo e diz assim:

- Você teve (10)dois enfartes e eu tenho medo de fazer esta operação, porque é um perigo, você vai morrer lá! E eu digo-lhe assim:

- Eu vou (9)assinar um termo de responsabilidade, porque agora há duas coisas que dizer, vocês chamaram-me aqui, eu (20)estou mentalizado que vou ser transplantado e vou escapar desta, da vida que já há tantos anos ... E agora está-me a dizer que (14)não vão transplantar por causa do coração mas o meu coração, se eu consinto que aguenta, ele aguenta! Aguentou até agora, vai aguentar esta operação.

E não é a primeira operação que faço sobre anestesia geral. Já fiz uma à seis anos atrás, (6)tenho um implante no peito. Fui no bloco operatório entrei, puseram a máscara, (6)adormeceram-me e acordei no dia a seguir, depois de vinte e quatro horas. Então se aguentei e aguento numa anestesia geral isto é a mesma coisa.

- Não porque está complicado e temos medo.

- Vou sair daqui sem ser transplantado e vou ficar mal, fico mal, (3)já estou nervoso e já estava nervoso.

- você não vai operar, mesmo eu assinando um termo de responsabilidade. Mesmo eu (9)assumindo todas as coisas e limpando os médicos de qualquer responsabilidade, de qualquer coisa vocês ... se (10)eu vou morrer é por minha culpa, não é por sua. Pronto e depois vai (14)perder o rim, você não imagina (14)aquele rim podia salvar uma pessoa, outro. São três da madrugada, quem vai chamar (14)para ser operado agora, que (14)um rim aguentava mais três horas. Já era no final do tempo, aquele rim foi para mim, (14)para eu ser

operado, era compatível comigo por isso, chamaram-me e não me facilitaram.

- Já foi transplantado?

Não, eu (14)nunca cheguei a ser transplantado, fui só chamado para ser transplantado e (14)nunca recebi o rim. Mesmo com um rim lá, preferiram perder o rim e (11)perdeu-se aquele órgão. O rim tem pouca vida, tem umas horas para ser levado daí, desde a morte do doador, (14)transportado e transplantado, só umas horas, umas vinte horas, neste tempo ele aguenta, depois morre. E perderam um rim, (14)o rim poderia ser vivo até cinco ou seis da madrugada anterior, mesmo no gelo em condições. E depois não aguenta, é muito sensível.

11. Por fim, a reparação do corpo que é a reparação do self e do One, suaviza a relação negativa, clivada com as instituições de saúde, onde o desinvestimento do One-self é muito pronunciado, “estou a fugir da gente como você nem imagina”, que dá conta das possibilidades de uma reestruturação de si na relação com os outros. O movimento regrediente opera então um movimento extenso para o seu passado, nas eminências da sobre-determinação do One, num retorno que prossegue com fluidez, mas não deixando de conter a marca das vivências corporais e existenciais dessa sobre-determinação. A dramatização surge novamente a temperar o dano corporal, na sobre-determinação de si que contem agora essa marca do One, numa envolvimento diria-se de um relacionamento direto, fusionante com o One, deixando entender a onipotência que lhe está associada. A expectativa de um transplante é muito elevada e é o retorno do One para o One-self que gera ansiedade.

Anexo B

Eixo sincrónico

Categorias sincrónicas do sujeito	Categorias sincrónicas institucionais	Categorias Diacrónicas
1- língua	Etnológico	Rearranjo da narrativa, função α
2- Dano corporal	Negligência do Serviço Nacional de Saúde (SNS)	Falha no corpo, representativo de falha no One
3- <u>Dano corporal</u> , intrusividade	Negligência do SNS	Casal parental combinado
4- Dano corporal	Suporte médico	Reorganização das imagos, dramatização
5- <u>Dano corporal</u> , indignação,	Falha no suporte	Falha no One
6- Trabalho	Negligência do SNS	Desimpedimento do One-self, formação de pré-concepções
7- Dano corporal	Precariedade	Formação do objeto bizarro
8- Dano corporal	Precariedade	Clivagem, subordinação, sobre-determinação do One
9- Dano corporal	Negligência do SNS	Submissão aos procedimentos médicos, início da relação de dependência, One em perigo, Intrusividade.
10- Constatação do Dano Corporal	Pedagogia médica	Submissão aos procedimentos médicos, início da relação de dependência, One em perigo, Intrusividade
11- Manutenção do estado de saúde	Serviço particular de saúde (SPS)	Idealização, apoio, regressão
12- Dano corporal	Negligencia do SNS, etnico	Clivagem
13- Dano corporal	Segurança no trabalho	Desimpedimento do One-self, formação de pré-concepções
14- Dano corporal	Falha no apoio legal	Sobredeterminação da falha do One, tela β
15- Conflito	Negligência do SNS	Intolerância à frustração
16- Conflito	Tratamento	Dramatização, “funcionamento fusional”
17- Conflito	Hostilidade médica	Perca do self, facciosidade, consciência, falha do One-self
18- Capacidade financeira	Negligencia do SPS	Objeto bizarro, despersonalização

19- Capacidade financeira	Responsabilidade institucional	Encobrimento, culpa, clivagem
20- Responsabilidade	Responsabilidade institucional	Dramatização, “retorno constante ao presente por antecipação no futuro”, excesso de implicações
21- Ameaça à integridade	Negligencia, segurança com os doentes, SPS	Posição esquizo-paranoide
22- Injustiça	Negligencia, SNS, Etno	“Ungrounded”, despersonalização, objeto de anáclise
23- Trabalho forçado	Negligencia, SNS	Culpa patológica
24- Dificuldade de locomoção	Falha no apoio legal	Fechamento existencial
25- Constatação do dano corporal	Pedagogia médica	Dramatização
26- Trabalho forçado	Falha no apoio legal	Culpa, aumento da tolerância à frustração
27- Reparação do corpo	Negligencia, SPS	Facciosidade, “a incerteza do passado leva à dispersão em direção ao One”
28- Indignação	Deterioração do SNS	Excesso de maus objetos, clivagem
29- Admiração	Serviço do SPS	Idealização
30- Indignação	Deterioração do SNS	Ambivalência
31- Indignação	Deterioração do SNS	Posição depressiva
32- Capacidades financeiras	SNS	Ambivalência
33- Indignação	Negligencia do SPS	Facciosidade
34- Questão ao entrevistador	Apoio na família	Desimpedimento do One-self, formação de pré-concepções, anáclise, ligação afetiva, posição depressiva
35- Capacidades financeiras	Apoio na família	Dependência
36- Trabalho	Oferta de trabalho	Sublimação, função α
37- Indignação	Oferta de trabalho	Sobre-determinação do One, movimento em direção à facciosidade
38- Capacidades financeiras	Situação geral, crise	Posição depressiva
39- Dano corporal	Negligencia do SPS	Sublimação, sobre-determinação do One
40- Trabalho	Negligencia do SPS	Falha do One é a falha de si,

		movimento faccioso iniciando a escuta silenciosa
41- Vida afetiva	Suporte social	Conservação do bom objeto, clivagem
42- Capacidades financeiras	Situação geral, crise	Idealização
43- Capacidades financeiras	Situação geral, crise	Idealização, clivagem
44- Capacidades financeiras	Situação geral, crise	Clivagem
45- Percepção da situação geral	Média, ocultação da crise	Ausência de subjetividade, movimento faccioso, impasse
46- Percepção da situação geral	Média, ocultação da crise	Impasse ultrapassado através do ódio
47- Trabalho	Situação geral, crise	Retraimento, elaboração depressiva
48- Trabalho	Sexualização da empregabilidade	Dependência
49- Capacidades financeiras	Média, ocultação da crise	“Oscilação que do presente quer ser futuro, retornando ao presente”, implicações associativas
50- Capacidades financeiras	Média, ocultação da crise	Implicações associativas excessivas, excesso de maus objetos
51- Capacidades financeiras	Corrupção	Discurso paranoide, “retorno da falha de si no One”
52- Empreendedorismo	Corrupção	Dramatização, discurso paranoide
53- Empreendedorismo	Hegemonia	Ambivalência
54- Esperança	Comunidade Europeia	Idealização, onipotência
55- Vida afetiva	Imigração	Autonomia, identificação
56- Romantismo	Situação geral, crise	Reparação
57- Transplante renal	SNS	Reparação, introjeção
58- Transplante renal	SNS, desistência	Reparação, frustração
59- Transplante renal	SNS, desistência	Reparação, frustração
60- Transplante renal	SNS, desistência	Reparação, introjeção
61- Transplante renal	SNS, desistência	Reparação, integridade, introjeção
62- Transplante renal	SNS, desistência	Reparação, integridade, introjeção

Categorias iniciais

- | |
|-----------------------------------|
| 1- Idioma |
| 2- Dano corporal |
| 3- Indignação |
| 4- Trabalho |
| 5- Constatação de dano corporal |
| 6- Manutenção do estado de saúde |
| 7- Conflito |
| 8- Capacidades financeiras |
| 9- Responsabilidade |
| 10- Ameaça à integridade |
| 11- Injustiça |
| 12- Trabalho forçado |
| 13- Dificuldades de locomoção |
| 14- Reparação do corpo |
| 15- Admiração |
| 16- Duvida, ruminação |
| 17- Vida afetiva |
| 18- Constatação de situação geral |
| 19- Esperança |
| 20- Romantismo |

Categorias intermédias

Custo de vida	4, 8, 12
Corpo	2, 5, 6, 13, 14
Mau estar	1, 3, 7, 9, 10, 11, 18
Afetividade	15, 16, 17, 19, 20

Categorias finais

Proficiência	Custo de vida Corpo
Humor	Mau estar Afetividade